2. As narrativas da dengue

2.1. As categorias de análise.

O objetivo deste capítulo é analisar as representações dos sujeitos e espaços da cidade do Rio de Janeiro nas narrativas telejornalísticas sobre o tema da dengue. Após a análise exploratória do conjunto das narrativas, percebemos que o reconhecimento da epidemia pelos especialistas e o aumento do número de casos notificados de dengue no estado e município fizeram com que o RJTV conferisse cada vez mais destaque à temática. A construção da relevância jornalística da epidemia no telejornal apresentou formas relativamente estáveis de cobertura, o que nos conduziu a construir quatro categorias a partir das quais procederemos a investigação na busca dos sujeitos e espaços citadinos. São elas: 1) ações governamentais e serviços públicos; 2) a população; 3) espaços televigiados; 4) a campanha.

A constatação da epidemia redimensiona a cobertura geral do RJTV e também a cobertura sobre a temática, que passa cada vez mais a dar voz e visibilidade aos sujeitos e instituições públicas de saúde. Neste sentido, inspirados no estudo de Antonio Brotas, construímos nossa primeira categoria de análise: **ações governamentais e serviços públicos** (Brotas, 2008). A narrativização cotidiana das ações de governantes e outras autoridades públicas de saúde, a convocação das Forças Armadas e a instalação de hospitais de campanha do Exército, Marinha e Aeronáutica em locais estratégicos da cidade do Rio de Janeiro e Baixa Fluminense, reforçam os sentidos construídos sobre a gravidade da epidemia de dengue. Por meio desta categoria, buscaremos evidenciar como as narrativas constroem posicionamentos sobre os sujeitos que aqui denominamos "sujeitos públicos".

A segunda categoria construída diz respeito à ênfase que o RJTV conferiu às representações sobre a **população** da cidade no Rio de Janeiro, especialmente aos cidadãos que foram vitimados pela epidemia de dengue e que são usuários do sistema público de saúde do estado e município. A análise a partir desta segunda categoria é capaz de delinear algumas das características do sujeito comum, habitante da cidade, tal como representado contemporaneamente nos telejornais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Denominamos **espaços televigiados** à nossa terceira categoria analítica. Se as duas primeiras enquadram prioritariamente os sujeitos citadinos, esta enfatiza direciona o olhar para os espaços da cidade. Trata-se de uma categoria que nos diz de uma das formas cotidianas do RJTV relacionar-se com o espaço urbano, numa notória vigilância sobre a cidade. Focaremos a análise na observação de inserções realizadas ao vivo pelos repórteres do telejornal a partir do Globocop, helicóptero usado nas coberturas dos acontecimentos citadinos. Estas inserções também foram caracterizadas por determinado tom de denúncia daqueles locais e espaços da cidade que funcionaram como pontos acumuladores de água parada, sendo propícios à reprodução do mosquito transmissor da dengue.

A quarta categoria selecionada diz respeito à cobertura que RJTV conferiu à **campanha** por doação de sangue promovida pela Rede Globo (e pelo próprio telejornal), em parceria com autoridades de saúde. A campanha *Todos juntos contra a dengue* recebeu um tratamento jornalístico destacado nas edições que compõem o *corpus* da pesquisa. O telejornal mobilizou repórteres e planejou uma cobertura diária, ao vivo, da redação itinerante do RJTV, o *RJ-Móvel*, que cotidianamente acompanhou um dos ônibus do Hemorio que funcionaram como postos para coleta de sangue em pontos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Nesta categoria o principal sujeito da cidade em evidência, como a análise buscará demonstrar, é o próprio RJTV.

A partir das categorias construídas, além de analisar as narrativas telejornalísticas na busca das representações dos sujeitos e espaços da cidade, temos por objetivo evidenciar as formas de enunciação manifestas no telejornal. Neste sentido, integram a análise não somente os textos verbais e visuais, mas os modos como eles são enunciados. Assim, elementos importantes tais como os modos como os sujeitos enunciadores (apresentadores e repórteres) se dirigem e interpelam os sujeitos telespectadores, as estratégias de interação com a audiência e de construção e identificação do telespectador permearão toda a análise que se segue. Nas palavras de Luiz Gonzaga Motta,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> A análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. A ênfase está no ato de fala, na dinâmica, na reciprocidade, na pragmática comunicativa, não na narrativa em si mesma. Pretende-se observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, como ações estratégicas de constituição de significações em contexto, como uma relação entre sujeitos atores do ato de comunicação jornalística. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação entre sujeitos" (Motta, 2007, p. 146-147).

Devido ao grande número de narrativas sobre o tema da dengue, a fim de organizá-las para fins analíticos, recorremos à *Teoria do enquadramento*, que nos permite trabalhar os "*frames* usados pelos jornalistas nos textos, de modo a compreender a organização dos discursos e suas tentativas de interpretação dos acontecimentos sociais" (Brotas, 2008, p.07). Segundo Juliana Gutmann (2006), de modo geral a noção de *framing* ou enquadramento se relaciona aos ângulos de abordagem dos assuntos nos meios de comunicação. A autora observa que no âmbito dos estudos sobre os efeitos da mídia, o termo designa "moldura" de referência construída para os temas e acontecimentos noticiados que, por sua vez, também é usado pela audiência no processo de recepção. Neste sentido, existem duas maneiras de utilização da metáfora. A primeira delas e a mais importante para esta pesquisa diz respeito aos enfoques apresentados pelos veículos de comunicação para um determinado tema; o segundo se refere ao *framing* da audiência, ou seja, ao modo como o público vai enquadrar assuntos a partir dos conteúdos veiculados na mídia. "O frame seria justamente o quadro a partir do qual um determinado tema é pautado e, consequentemente, processado e discutido na esfera pública" (Gutmann, 2006, p.30)[28].

[28] Segundo Juliana Guttman (2006) a metáfora do *framing* foi usada inicialmente em 1974 pelo sociólogo Erving Goffman para caracterizar como os indivíduos compreendem e respondem às situações sociais a partir do modo como organizam a vida cotidiana. Goffman descreveu tal processo como esquemas interpretativos que fazem o público localizar, identificar e etiquetar os acontecimentos. Após a elaboração inicial do conceito, a metáfora foi apropriada por pesquisadores dedicados ao estudo da notícia como Robert Entman. Este autor caracteriza o *framing* de notícias como esquemas de processamento de informação, como a construção do conteúdo jornalístico a partir de uma espécie de embalagem particular. Para ele, o *framing* envolve seleção e ênfase. "Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazer eles mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito" (Entman citado por Guttman, 2006, p.32).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Por esse raciocínio, selecionamos especialmente aquelas narrativas cujo enquadramento prioritário estivesse relacionado às quatro categorias que construímos[29].

Antes de procedermos à análise, buscaremos evidenciar que o tema da dengue é uma questão de saúde pública nacional e mesmo mundial que mobiliza instituições como o Ministério da Saúde do Brasil e a Organização das Nações Unidas, sendo os meios de comunicação uma instância privilegiada de divulgação de informações sobre a temática e de configuração de sentidos sobre ela. A partir de informações disponibilizadas no *site* do Ministério da Saúde, traçaremos um breve histórico da epidemia no Brasil e os esforços na tentativa de controlá-la, o que reforça a importância da temática narrada no telejornal.

2.2. Quadro geral da dengue no Brasil.

A dengue é um dos principais problemas de saúde pública no mundo. Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 50 e 100 milhões de pessoas são infectadas anualmente em mais de 100 países de todos os continentes, exceto a Europa[30]. Cerca de 550 mil doentes precisam ser hospitalizados e 20 mil morrem por causa da doença. No Brasil, as condições sócio-ambientais favoráveis à expansão do *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da doença, possibilitaram a dispersão do vetor e o avanço da doença a partir do final da década de 1970. Os métodos tradicionais e a baixa ou nenhuma participação da comunidade nos programas de combate à doença "sem integração intersetorial e com pequena utilização do instrumental epidemiológico mostraram-se incapazes de conter um vetor com altíssima capacidade de adaptação ao novo ambiente criado pela urbanização acelerada e pelos novos hábitos".

[29] Apesar de nosso foco de análise ser as narrativas cujos enquadramentos prioritários remetem às categorias analíticas, haverá momentos em que poderemos analisar, por exemplo, uma sonora de um sujeito público presente em uma reportagem que enfatiza o drama vivido pelos moradores da cidade na espera por atendimento nos hospitais públicos.

[30] As informações desta primeira sessão do capítulo foram pesquisadas no *site* do Ministério da Saúde: http://saude.gov.br (acesso em 27 de setembro de 2008).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Em 1996, o Ministério da Saúde decide rever sua estratégia e propôs o Programa de Erradicação do *Aedes aegypti*, o PEAa. A inviabilidade técnica de erradicação do mosquito transmissor a curto prazo foi detectada no decorrer do processo de implantação do programa. Apesar de não ter atingido todos os objetivos pretendidos, segundo o Ministério da Saúde o PEAa teve méritos ao propor a necessidade de atuação multissetorial e prever um modelo descentralizado de combate à doença, a partir da participação das esferas Federal, Estadual e Municipal. A implantação do programa resultou no fortalecimento das ações de combate ao vetor, com um significativo aumento dos recursos utilizados para essas atividades, mas ainda com as ações de prevenção centradas quase que exclusivamente nas atividades de campo de combate ao mosquito. No entanto, a estratégia, comum aos programas de controle de doenças transmitidas por vetor em todo o mundo, mostrou-se incapaz de dar conta da complexidade do quadro epidemiológico da dengue. Dada a inviabilidade de uma política de erradicação do vetor a curto prazo, o Ministério da Saúde faz uma nova avaliação dos avanços e limitações com o objetivo de estabelecer um programa que incorporasse elementos como a mobilização social e a participação comunitária, fundamentais para responder de forma adequada a um vetor altamente domiciliado.

Diante da tendência de aumento da incidência da dengue constatada no fim da década de 1990 e da introdução de um novo sorotipo (Dengue 3) que dava sinais de um elevado risco de epidemias de dengue e de aumento nos casos de Febre Hemorrágica de Dengue (FHD), o Ministério da Saúde, em parceria com a Organização Pan-Americana de Saúde, realizou em 2001 um Seminário Internacional para avaliar as experiências bem sucedidas no controle da doença e elaborar um Plano de Intensificação das Ações de Controle da Dengue (PIACD). A introdução do sorotipo 3 e sua rápida disseminação para oito estados, em apenas três meses, evidenciou a facilidade para a circulação de novos sorotipos ou cepas do vírus com as multidões que se deslocam diariamente. Estes eventos ressaltaram a possibilidade de ocorrência de novas epidemias de dengue e de FHD.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Indicadores da Organização Panamericana de Saúde (OPS) mencionados pelo pesquisador Antônio Brotas (2008, p. 5-6)[31] revelam o aumento intermitente da incidência da doença no país. Segundo a Organização Panamericana, o número de casos de dengue hemorrágica (DH) saltou de 60 casos em cinco países, no período de 1968 a 1980, para 139 mil entre 2001 e 2005. O Brasil é um dos líderes na estatística, com mais de cinco mil casos de DH nos últimos cinco anos e letalidade média de 10%. Em 2002, quando do auge da epidemia, foram contabilizados 2714 casos, com 150 mortes. O número de municípios infestados pelo mosquito saltou de 1753 em 1996 para 3970 em 2006. O número de sorotipos de vírus circulantes é mais um fatos complicador da saúde pública no país. Até 2002, o DENV 1 e DENV 2 são os mais freqüentes. No ano seguinte o DNEV 3 atinge praticamente todas as regiões. A circulação dos três sorotipos virais amplia de maneira significativa a gravidade e letalidade da doença.

Neste cenário epidemiológico, torna-se importante que o conjunto de ações que vinham sendo realizadas e outras a serem implantadas fossem intensificadas, de modo a permitir um melhor enfrentamento do problema e a redução do impacto da dengue no Brasil. Com este objetivo o Ministério da Saúde implanta em 2002 o Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD)[32].

Apesar da criação do PNCD e das ações implantadas, o número de casos continua a aumentar no país. A Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS) registrou, entre março e janeiro de 2008, 120.413 casos de dengue clássica, 647 casos de Febre Hemorrágica da Dengue e a ocorrência de 48 mortes. O Ministério da Saúde ressalta que o aumento no número absoluto de casos está relacionado com a ocorrência de epidemias com altas taxas de incidência em alguns estados como Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio de Janeiro. Brotas (2008) observa que os exemplos mais graves encontram-se no estado do

[31] No artigo "Enquadrando a dengue: o Jornal *A Tarde* e a emergência da doença na Bahia", Antônio Brotas (2008) analisa os enquadramentos das notícias do jornal *A Tarde* na cobertura da dengue no estado da Bahia em 2008.

[32] O PNCD possui algumas prioridades, tais como: elaboração de programas permanentes, haja vista que não existe evidência técnica de que a erradicação do mosquito seja possível a curto prazo; desenvolvimento de campanhas de informação e mobilização das pessoas; fortalecimento da vigilância epidemiológica e entomológica para ampliar a capacidade de detecção precoce de surtos da doença; melhoria da qualidade do trabalho de campo no combate ao vetor; interação das ações de controle da dengue na atenção básica, com a mobilização dos Programas de Agentes Comunitários e Programas de Saúde da Família; desenvolvimento de instrumentos mais eficazes de acompanhamento e supervisão das ações desenvolvidas pelo Ministério da Saúde, estados e municípios, dentre outras.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Rio de Janeiro, que numa situação de emergência necessitou pedir ajuda das Forças Armadas e de médicos de outros estados. Somente na capital foram registrados 5237 casos até abril.

Devido à gravidade da epidemia de dengue no Brasil e no estado do Rio de Janeiro no ano de 2008, o Ministério da Saúde elaborou um Material de Campanha com o objetivo de esclarecer e mobilizar a população do país para o enfrentamento da doença. Todas as peças foram liberadas pela Assessoria de Comunicação Social e disponibilizadas em pdf no site oficial do Ministério de modo que a população pudesse fazer *download* dos arquivos[33]. O Ministério incentiva professores e escolas, prefeitos, comunicadores e comunidade a divulgar o Programa de combate à Dengue nas regiões, destacando que a doença é um problema de todos e que combatê-la é uma obrigação de cada um.

> Combater a dengue não é uma tarefa fácil. Por isso, precisamos da ajuda de todos, para não deixar que o Brasil seja refém de uma epidemia. Não podemos cruzar os braços e esperar que o vizinho resolva o problema. Destruir os focos do mosquito é um dever individual e que deve ser cumprido rigorosamente. Temos que preservar nossa população e o bem-estar de nossos amigos e familiares. E, para isso, precisamos nos unir contra o mosquito. Pode ser por meio de passeatas, mutirões, cooperativas ou em pequenas ações. Todos os gestos são válidos no combate. Vamos fazer nossa parte e preservar a saúde do Brasil[34].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

[33] O material de campanha do Ministério da Saúde foi composto pelas: cartaz, cartazete, *check list*, *banner*, *outdoor*, mobiliário urbano, *jingles*, vídeos, adesivo das regiões, ímã de geladeira, ringtones, selo, adesivo de peito, adesivo de participação, boné e camisa.

[34] http://www.combatadengue.com.br/material/pop-geral.php (Acesso em 28 de setembro de 2008).

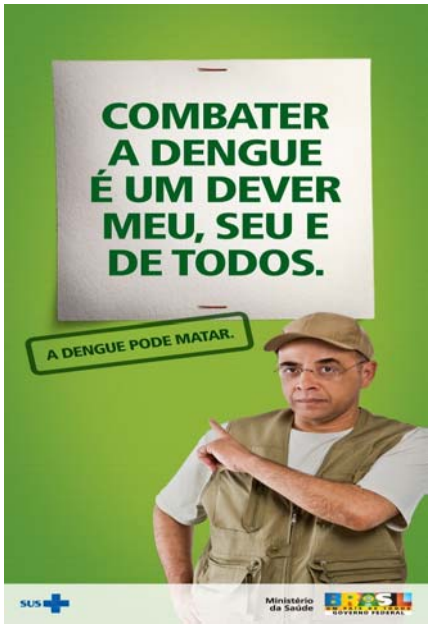

Figura 3 - Banner 1

Figura 4 - Banner 2

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

O Ministério da Saúde também convocou pequenas, médias e grandes empresas a fazer parte da luta contra a dengue e realizar um trabalho conjunto em prol do Brasil. O objetivo principal das parcerias foi repassar informações importantes para acabar com os focos da doença e alcançar um público maior e mais diversificado. Além disso, o órgão estimula que as empresas instruam seus funcionários e utilizem seus produtos para repassar conhecimentos para a população, sendo a Rede Globo uma das empresas parceiras[35].

Em março e em parte do mês de abril de 2008, período caracterizado pelo pico da epidemia, espaços da cidade do Rio de Janeiro e de municípios da Baixada Fluminense foram habitados por *outdoors*, *banners* e outros materiais da campanha contra a dengue. Meios de transporte coletivos como ônibus e metrôs funcionaram como suportes para veiculação de mensagens de estímulo à luta contra a doença e informações sobre procedimentos. A temática da dengue teve espaço privilegiado também em diversos meios de comunicação como jornais impressos, rádio, internet e televisão – de abrangência local, estadual e nacional.

[35] São diversos os parceiros tais como Caixa Econômica Federal, Ambev, Leroy Merlin, Jornal do Brasil, Infraero e outros.

No período de gravação do material audiovisual que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, arquivamos, de maneira aleatória, algumas edições de *O Globo*[36], jornal impresso de abrangência nacional pertencente ao mesmo grupo empresarial responsável pelo *RJTV 1ª edição*, a Rede Globo. A partir de uma análise exploratória de algumas das edições, constatamos que o jornal considerou a temática de grande relevância do ponto de vista jornalístico, uma vez que ela foi fortemente destacada tanto nas primeiras páginas quanto nas páginas internas do jornal, mais especificamente na editoria "Rio".

Na segunda-feira, dia 31 de março de 2008, a dengue é um dos principais assuntos destacados na metade superior da primeira página de *O Globo*[37]. O título, "A epidemia do caos" é acompanhado pelo subtítulo "Hospitais nas áreas mais afetadas pela dengue entram em colapso". Na página o jornal publica ainda duas fotografias coloridas relacionadas ao tema. Uma delas revela um depósito de carros a serem leiloados em Vargem Grande, que podem funcionar como foco potencial para reprodução do mosquito transmissor da doença. A outra mostra um militar na montagem das tendas do hospital de campanha da Aeronáutica. Um lide informativo de quinze linhas contextualiza o assunto para o leitor. No caderno Rio, as páginas 10 a 13 tratam mais detalhadamente os assuntos do dia relacionados ao tema.

A relevância jornalística da epidemia de dengue em *O Globo* continua a ser notada em outras edições do jornal. Dia 01 de abril de 2008 a chamada de primeira página de maior destaque é referente à temática. O título – "Mortes por dengue sobem para 67 e Rio pede socorro" – é impresso em fonte de destaque destacada e ocupa quase toda a largura da mancha gráfica da primeira página. Ele é acompanhado de um subtítulo e de um lide. No dia seguinte o tema é novamente assunto de capa. O título – "Sem leitos da dengue, Rio já trata doentes no interior"

[36] Arquivamos a edição de 31/03/2008; as edições de 01/04 a 09/042008; 12/04 a 14/04/2008; 16/04, 18/04, 21/04 a 23/04; 25/04, 27/04, 29/04; 30/04 e 01/05/2008.

[37] Rafael Souza Silva (1985) observa que a primeira página de um jornal é a que detém os maiores recursos persuasivos para a posterior leitura do jornal. Isaac Antônio Camargo (2000) compartilha da concepção de Silva. Segundo ele, a primeira página de um jornal é uma vitrine, uma amostragem do que o jornal traz em seu interior. Nela estão presentes diversos enunciados e muitos sentidos são convocados simultaneamente para sua leitura. Trata-se de uma configuração articulada de modo a atrair o leitor. Camargo observa que o fato do jornal se apresentar, na maior parte das vezes, dobrado ao meio na sua altura, faz com que se concentre a maior parte dos seus apelos visuais e gráficos. Janelas de textos e fotografias coloridas são os recursos mais usados para atrair o olhar e a partir daí estabelecer as demais relações com as legendas, manchetes, chamadas e remeter aos demais textos verbais trazidos pelo jornal (Camargo, 2000, p.256).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

é acompanhado por subtítulo, uma fotografia que ocupa a largura de quatro colunas, além do lide e do destaque interno nas páginas 14 a 17, página 23 sendo também pauta do editorial daquela edição. Entre os dias 03 e 09 de abril de 2008 a dengue continua tendo destaque nas primeiras páginas de *O Globo* e, por conseguinte, nas páginas internas. Nos dias 12/04, 16/04 e 23/04, o tema também é visibilizado na capa do jornal. Nas outras edições coletadas, apesar de não ser assunto de primeira página, a temática esteve presente na editoria "Rio" em todas elas.

De maneira análoga à cobertura da epidemia de dengue em *O Globo*, no RJTV, nosso objeto de estudo, o tema também recebeu grande destaque jornalístico, sendo pauta da maioria das narrativas do *corpus* da pesquisa.

2.3. A construção da epidemia no RJTV.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Diversos tipos de assuntos habitam os meios de comunicação. Luiz Gonzaga Motta (2007, p.147) observa que alguns deles aparecem e permanecem no noticiário por períodos consecutivos curtos ou extensos. Outros surgem, se interrompem por alguns dias, semanas ou meses e tornam a aparecer após algum tempo, de acordo com os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia. A epidemia de dengue foi o principal assunto destacado pelo RJTV 1ª edição no mês de abril de 2008. Em todas as edições que compõem o *corpus* da pesquisa, a dengue foi tema de notas, reportagens, entrevistas ou depoimentos. Outros acontecimentos relacionados a temas sempre presentes no telejornal tais como violência e problemas de infra-estrutura urbana permaneceram no noticiário, mas com tempo reduzido de maneira significativa, em função da cobertura da epidemia no estado e município do Rio de Janeiro.

Paulo Bernardo Vaz e Elton Antunes (2006) concebem a mídia como lugar de experiência e, ao mesmo tempo, como lugar que interpreta e reconfigura a experiência. A mídia fala da experiência do mundo e faz parte dela. Segundo os autores, há uma dimensão "subterrânea" dessa experiência no mundo, a cultura, em que os processos se sedimentam e adquirem maior espessura. As narrativas irrigam constantemente esse terreno, se infiltram lentamente, mas, ao mesmo

tempo, também correm velozmente na superfície midiática. Neste sentido, eles propõem uma interpretação da mídia a partir da idéia de fluxo.

> Quando dizemos que o dispositivo midiático implica um fluxo, não se trata de um duto único. Há escoamentos em velocidades desiguais, direções diferentes e camadas distintas. A mídia é um fluxo, mas não é ininterrupto à maneira como vemos um rio, não é um fluxo contínuo; é sucessão de diferentes pedaços sobrepostos, com brechas e falhas entrecruzadas. Daí, fluxos repentinos, verdadeiras "enchentes" inundam os meios de comunicação em dado momento, ampliando a vazão de narrativas sobre determinados acontecimentos (Antunes e Vaz, 2006, p.52).

No período compreendido pelo *corpus* da pesquisa, constatamos a ampliação da "vazão de narrativas" (Antunes e Vaz, 2006) sobre a temática da dengue no RJTV, o que é um indicador da importância atribuída pelo telejornal ao assunto. Realizamos uma pesquisa no *site* do RJTV e verificamos que nos três meses que antecederam o recorte da pesquisa, o assunto já estava sendo tematizado pelas narrativas telejornalísticas. Nos demos conta também de que o tratamento dedicado ao tema ganhou espaço progressivo no decorrer dos meses.

Dia 01 de janeiro o telejornal não veiculou notícia relacionada à dengue. A virada do ano é o assunto preferencial da edição, com destaque para os fogos, para a festa em Copacabana, na Barra da Tijuca, em Cabo Frio e Angra dos Reis. O telejornal destaca também o movimento tranqüilo na Rodoviária Novo Rio naquela manhã, bem como as novas regras de trânsito que passaram a vigorar em 2008.

No dia 02 de janeiro o tema apareceu no noticiário do RJTV. Tratou-se de reportagem sobre uma mulher que morreu no Hospital Miguel Couto com os sintomas da dengue hemorrágica. A vítima era Marília Lourenço de Souza, de 29 anos. Marília tinha três filhos e morava no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. No dia 03 de janeiro o RJTV divulgou notícia informando que a Secretaria Estadual de Saúde havia confirmado mais um caso de dengue hemorrágica no Rio. A vítima era uma menina de 12 anos que estava internada no Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Em outros dias como 09, 15 e 22 de janeiro foram divulgadas outras notícias também relacionadas a casos de dengue hemorrágica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Nos dias 04 e 05, o telejornal noticia a visita de uma força-tarefa formada por profissionais das secretarias de saúde e meio ambiente da prefeitura do Rio de Janeiro ao bairro Irajá, um dos mais afetados pela epidemia de dengue no município. O objetivo era distribuir folhetos à população, uma vez que "a informação é uma das principais armas na luta contra a dengue", e visitar casas e condomínios em busca de focos do mosquito *Aedes aegypti*. A reportagem do dia 05 destaca que dentre os profissionais estão 137 agentes ambientais, devidamente treinados para o exercício da nova função. A narrativa observa, ainda, que a equipe iria realizar visitas à Vista Alegre, Colégio e outros bairros vizinhos.

Em 12 de janeiro o RJTV veicula reportagem destacando que, apesar de alguns bairros da cidade já terem recebido mutirões para combate à dengue, muitos moradores estão preocupados com a ausência de agentes de saúde em algumas localidades. A partir de relatório do Tribunal de Contas do Município, dia 23 o RJTV noticia que as equipes de agentes da Secretaria Municipal de Saúde costumam ter problemas para visitar os imóveis da cidade. A partir de dados referentes a 2006 e 2007, o texto destaca que os agentes encontraram as portas das casas ou apartamentos fechadas ou não conseguiram entrar em 40% dos locais visitados. A reportagem evidencia que, para o Tribunal, a explicação para o avanço da doença pode estar na forma como o governo realiza o trabalho de prevenção. Segundo o relatório, em 2006 o município recebeu mais de R$ 18 milhões de reais para ações de combate à dengue, dos quais R$ 5,5 milhões não foram usados. Na mesma reportagem o telejornal destaca que a Secretaria Municipal de Saúde informou que não iria comentar o relatório do Tribunal de Contas e que o Ministério da Saúde só iria se pronunciar quando fosse informado oficialmente sobre o estudo.

A partir da pesquisa realizada no *site*, dos vinte e sete dias de janeiro em que o RJTV foi ao ar, em apenas sete deles não se divulgou nota ou reportagem sobre o assunto. Por meio de uma análise exploratória das narrativas, observamos que elas abordaram o aumento do número de casos de dengue no estado e município, o medo da população diante da incidência da doença, a luta dos moradores dos bairros no combate aos focos do *Aedes*, as denúncias dos locais que pudessem funcionar como criadouros do mosquito, a falta de agentes nos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

postos de saúde do Rio de Janeiro e municípios da Baixada Fluminense, as campanhas de conscientização e outros enfoques.

Em fevereiro de 2008 a dengue continua a habitar o noticiário do RJTV com abordagens semelhantes às do mês anterior. Dos vinte e cinco dias em que o telejornal foi exibido, também em sete edições o assunto não foi destacado. No primeiro dia do mês, o RJTV divulgou a informação de que a Secretaria Municipal de Saúde havia registrado, do início ao fim de janeiro, 1.726 casos de dengue na cidade do Rio de Janeiro. No dia seguinte o telejornal veiculou reportagem sobre a preocupação dos moradores de Curicica diante do aumento dos casos de dengue. O bairro, situado na zona oeste, foi um dos mais afetados pela epidemia. Importante observar que durante o carnaval 2008 - entre 02 e 05 de fevereiro - o tema praticamente desapareceu do noticiário. Em contrapartida, as festividades e comemorações inerentes à data foram fartamente noticiadas. Paulatinamente, contudo, o assunto voltou a pautar as narrativas do telejornal e a ganhar cada vez mais espaço no decorrer do mês e nos dois meses seguintes.

No dia 12 de fevereiro o RJTV veiculou notícia informando que o número de casos da doença em 2008 já era quase três vezes maior do que o registrado no mesmo período do ano anterior. Uma das narrativas veiculada no dia 14 sinalizava que a preocupação com os imóveis abandonados aumentava por conta da incidência da doença. Dia 19, o telejornal noticia o avanço da dengue hemorrágica e fornece números atualizados da epidemia no estado. Vinte de fevereiro é uma data marcante na cobertura da dengue no RJTV. Além das reportagens e notas de rotina, o telejornal veicula entrevista com o entomologista Rafael de Freitas. Segundo o enunciado dos apresentadores, aquela foi a primeira vez que uma autoridade de saúde admitia que alguns bairros do Rio de Janeiro já estavam acometidos pelo surto de dengue. No dia seguinte (20/02/2008), uma nota locutor ressalta a disseminação da doença no estado, bem como a importância jornalística do tema para o RJTV.

> **Nota locutor -** Não interessa a região da cidade. Mais uma vez, a dengue tem que ser o assunto do dia entre todos os moradores do Rio. Ontem, a secretaria de saúde admitiu que quatro bairros viviam um surto de dengue. À tarde, o número de regiões afetadas subiu para 15. Evitar uma epidemia é o grande trabalho a ser feito e nunca é tarde para se combater o mosquito. O esforço agora precisa ser dobrado (...). (Nota locutor – 21 de fevereiro de 2008).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

A partir de então, a dengue é cotidianamente noticiada no RJTV 1ª edição. Em março o assunto é ainda mais noticiado do que no mês anterior. O telejornal destaca a solicitação de ajuda ao Exército feita pelo governador Sérgio Cabral (05/03/2008), a força-tarefa da Defesa Civil contra o mosquito da dengue, o treinamento de médicos para reconhecer os sintomas da doença (12/03/2008). As campanhas da prefeitura em escolas do município, o aumento do perigo de disseminação da doença em função da frente fria e do mau tempo que chegou à cidade (14/03/2008), a lotação das emergências e a falta de médicos e leitos em hospitais públicos (17/03/2008) são outros destaques. No dia 17 de março o telejornal lança mão do RJ-Móvel, a redação itinerante do RJTV, para cobrir os acontecimentos relacionados ao tema. "Nessa luta contra a dengue nós mobilizamos também o RJ-Móvel, que está no posto de atendimento médico de Irajá, no subúrbio do Rio. No local, a situação é complicada. O movimento do lado de dentro é grande. Pacientes contam que a fila de espera é grande"[38]. A partir de então, o RJ-Móvel é um recurso muito usado pelo telejornal na cobertura do assunto.

O avanço da epidemia é diretamente proporcional ao tratamento conferido à temática no RJTV, assim como já constatado em outras pesquisas como as de França *et al* (2004)[39] e Brotas (2008). Ou seja, quanto maior o número de casos confirmados da doença, maior é a cobertura dedicada ao assunto no telejornal. Com base em dados disponíveis no *site*, é possível perceber este aumento quantitativo. Do dia 01 ao dia 17 de março o RJTV dedicou, em média, duas matérias relacionadas ao tema por edição. A partir de 18/03 a dengue é pauta de um número bem mais significativo de narrativas, passando a ser a principal temática do noticiário. Eis as manchetes disponibilizadas no endereço eletrônico do RJTV, referentes ao tema.

[38] Informação obtida no site do RJTV: www.g1.com.br/rjtv (acesso em 04/10/2008).
[39] A pesquisa de França et al (2004) analisa o conteúdo informativo publicado no jornal *Estado de Minas*, principal diário de Belo Horizonte (MG), sobre a ocorrência de dengue no município. A análise contempla o período de 1º de janeiro de 1996 a 31 de dezembro de 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

18/03/2008

Rio já vive epidemia de dengue?

Reforço no atendimento

Cientistas já questionam conhecimentos sobre mosquito da dengue

Ajuda no combate à dengue

RJ-Móvel mostra atendimento em unidades de saúde pela cidade.

19/03/2008

Ameaça da dengue avança no Rio.

Dengue em crianças: pediatra tira dúvidas dos pais.

Risco para dengue.

Procura por atendimento.

RJ-Móvel alerta para risco da dengue em Campo Grande.

20/03/2008

Todos contra a dengue

Centro de hidratação

Flagrantes de descaso

24/03/2008

Medidas contra a dengue no Rio

Secretário Sérgio Cortes fala sobre o reforço para o combate à dengue

Guerra contra o mosquito em Curicica

Prefeitura anuncia medidas contra a dengue

Ministro da Saúde participa de reunião no Rio

Avanço da dengue preocupa.

25/03/2008

União dos governos para vencer a guerra contra a dengue

Força-tarefa contra o mosquito

Secretário municipal de saúde comenta as ações da prefeitura

Campanha para doação de sangue

Primeiro dia das tendas de hidratação

Bons exemplos no combate à dengue

Pneus jogados no meio da rua

São Gonçalo: Vila Olímpica largada.

26/03/2008

Dengue: um drama no Rio

Repelentes somem das prateleiras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Especialista fala sobre os mitos que envolvem a doença
Carga horária dobrada
Doação de sangue contra a doença
Niterói: uma situação bem diferente.

27/03/2008
Todos juntos contra a dengue
Diretora do Hemorio: a importância da doação de sangue
Ônibus para doação de sangue vai para a praia Vermelha
Madrugada na fila por atendimento
Hospitais de campanha serão armados
Cariocas no combate ao mosquito
Moradores se unem em Jacarepaguá
Rafinha participa da campanha
Defesa Civil forma brigadas anti-dengue.

28/03/2008
Forças Armadas entram na guerra contra a dengue
Reforço nos hospitais
Esclareça suas dúvidas
Excesso de cautela?
Descaso de todos
Ônibus do Hemorio no combate à dengue
Prevenção ao redor da Praia Vermelha.

29/03/2008
Dengue: voluntários em ação
Médico tira dúvidas sobre os sintomas da dengue
Transferências autorizadas
Batalha em ritmo de samba.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

As manchetes destacadas acima, apesar de referirem-se a notícias, notas e reportagens anteriores ao *corpus* da pesquisa, nos forneceram os elementos para construção das categorias de análise, dando-nos uma dimensão dos enquadramentos que a cobertura do RJTV vai priorizar nas edições que compõem o *corpus* da pesquisa.

A primeira constatação que se faz evidente a partir das manchetes é o avanço da doença no estado e município do Rio de Janeiro. Alguns dos enunciados estão diretamente associados a este aumento, tais como: “Rio já vive epidemia de dengue?”; “Ameaça da dengue avança no Rio”; “Avanço da dengue preocupa”.

A partir da constatação, podemos perceber os rumos da cobertura do tema nas categorias construídas. Conforme já observado, a primeira categoria a ser investigada diz respeito à narrativização cada vez mais significativa das ações de representantes do poder público, por nós denominada **ações governamentais e serviços públicos**. À medida que aumentam os números da doença, este enquadramento se faz cada vez mais evidente nas narrativas do RJTV. É possível constatar um conjunto de narrativas que tratam das medidas do poder público para conter o avanço da doença e melhorar o atendimento à população: “Medidas contra a dengue no Rio”; “Secretário Sérgio Côrtes fala sobre o reforço para o combate à dengue”; “Prefeitura anuncia medidas contra a dengue”; “União dos governos para vencer a guerra contra a dengue”; “Primeiro dia das tendas de hidratação”; “Defesa civil forma brigadas anti-dengue”; “Forças armadas entram na guerra contra a dengue”.

Outra abordagem presente nas narrativas do RJTV sobre a temática da dengue diz respeito à visibilidade conferida à **população,** o que configura nossa segunda categoria analítica. Por um lado, há um conjunto de narrativas que tematizam exemplos de cidadania dos moradores da capital e região metropolitana no combate à epidemia. Os seguintes enunciados são representativos desta abordagem: “Bons exemplos no combate à dengue”; “Cariocas no combate ao mosquito”; “Dengue: voluntários em ação”; “Moradores se juntam em Jacarepaguá”. Por outro lado, pode-se constatar que as representações da população se deram também a partir da associação aos dramas vivenciados por ela, seja na busca por atendimento, seja devido às mortes por conta da epidemia. Neste conjunto a população é apresentada como vítima do sistema público de saúde. As manchetes a seguir são exemplares deste tratamento: “Procura por atendimento”; “Madrugada na fila por atendimento”.

Nossa terceira categoria, **espaços televigiados,** está representada em manchetes como “Flagrante de descaso”. A quarta e última categoria que vamos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

tomar como objeto de análise é a **campanha** *Todos juntos contra a dengue,* promovida pela Rede Globo e autoridades de saúde para estimular a população a doar sangue. Esta categoria está representada em enunciados como: "Todos juntos contra a dengue"; "Batalha em ritmo de samba"; "Rafinha participa da campanha".

Antes de procedermos à análise, cumpre-nos observar que as categorias foram construídas para fins analíticos. Deste modo, apesar de buscarmos em cada uma delas as narrativas com os enquadramentos prioritários das categorias, muitas vezes os textos tangenciam/abordam questões também presentes em outra (s) categoria (s). Na dinâmica do telejornal, portanto, na maior parte das vezes estas categorias podem se fazer presentes em uma mesma narrativa.

2.4. Ações governamentais e serviços públicos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Para analisar as narrativas da dengue que compõem o *corpus* da pesquisa, a partir da observação do conjunto narrativo construímos a categoria analítica **ações governamentais e serviços públicos**. Percebemos que parcela significativa das narrativas veicularam sonoras de sujeitos públicos como Governador de Estado e Secretário Estadual de Saúde, entre outros, uma vez que o problema da dengue foi percebido como uma questão de saúde pública (Brotas, 2008, p.11). Na seção, analisaremos a narrativização de ações dos seguintes sujeitos: Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro; Sérgio Côrtes, Secretário Estadual de Saúde do Rio de Janeiro. Em um segundo momento, analisaremos a caracterização das Forças Armadas, constituídas pelo Exército, Marinha e Aeronáutica.

2.4.1. Os sujeitos e os serviços públicos de saúde.

A relação de mediação que se estabelece entre o RJTV e os sujeitos públicos na cobertura da epidemia de dengue coloca em evidência e demarca os papéis sociais de cada um destes sujeitos, entre eles o próprio telejornal. "É sabido

que a cobertura dos eventos coletivos reflete, de um lado, a atuação do Estado e, de outro, a própria atuação dos meios enquanto órgãos de divulgação/formação de opinião" (França et al, 2004, p.1339). Diante da situação de epidemia, o posicionamento que se faz mais evidente a partir da mediação operada pelo telejornal é a narrativização das ações e medidas dos sujeitos públicos para minimizar e combater a epidemia, remediar os casos e situações já existentes, bem como o destaque às medidas preventivas para se evitar epidemias futuras, com destaque para as duas primeiras.

Uma reportagem de Alex Cunha, com imagens dos cinegrafistas Edmilson Santos e Sérgio Costa, veiculada dia 01 de abril de 2008, é significativa para a análise que pretendemos nesta seção da pesquisa, pois narrativiza ações dos sujeitos públicos mencionados acima, ao mesmo tempo em que procede a uma caracterização dos serviços públicos de saúde. A abertura da reportagem destaca que, apesar do aumento do número de leitos nos hospitais, a situação do atendimento ainda é preocupante. Eis o texto.

> **Nota locutor Hélter Duarte –** E o Estado abriu mais noventa e quatro leitos para atendimento de crianças com dengue, desta vez no Caju, na zona portuária do Rio. Mas a situação ainda é complicada, mesmo para as pessoas que buscam as unidades de saúde por outros motivos.

A reportagem é iniciada em off. O primeiro espaço narrado no texto é o Posto de Saúde Saldanha de Mello, em Jacarepaguá. As imagens focalizam a fachada do posto e também uma placa, que indica: "Este posto de Saúde é da Prefeitura". Abaixo, encontra-se inscrito o seguinte enunciado: "CMS Jorge Saldanha Bandeira de Mello". O texto do repórter reforça o enunciado do apresentador, ao destacar que os pacientes que procuraram atendimento médico por outro motivo que não a dengue, não conseguiram ser atendidos. Abaixo, o off inicial da reportagem.

> **Off repórter Alex Cunha –** Na porta do Posto de Saúde Saldanha de Mello, em Jacarepaguá, pacientes que procuraram os médicos por outro motivo que não fosse sintomas de dengue não foram atendidos. Ontem, foi a demora que provocou tumulto na porta da Unidade de Pronto Atendimento de Irajá. Mães que aguardavam por horas nas filas tentaram entrar à força em busca de uma consulta para os filhos, com os sintomas da doença.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

O fragmento selecionado da reportagem evidencia a precariedade dos serviços públicos de saúde no Rio de Janeiro, neste caso o serviço municipal, ao destacar que a demora no atendimento foi a causa do tumulto. O valor-notícia "conflito" (Silva, 2005) (Traquina, 2008) (Motta, 2007) está em evidência na narrativa. As imagens gravadas pelos cinegrafistas confirmam o texto do repórter e revelam a briga entre a população e o segurança da Unidade de Pronto Atendimento. O agente aparece bloqueando a porta da Unidade, pedindo "calma" e tentando controlar as pessoas que queriam entrar no local, entre elas uma mãe com o filho no colo. Um sobe-som de seis segundos é destacado na seqüência e valoriza o "conflito" de que se reveste o texto. Na cena, várias pessoas aparecem gritando e empurrando umas às outras em direção à porta de entrada. A partir dos sons captados pela câmera, é possível compreender algumas das falas dos envolvidos na cena, tais como: "Calma aí, eu vou deixar a senhora entrar" (Segurança); "Chama a polícia" (personagem). Ao analisar o caráter dramatúrgico das narrativas telejornalísticas, Iluska Coutinho observa que "a utilização exacerbada dos recursos audiovisuais de *sobe som* e *vinhetas* poderia ser considerada como a representação ou imitação, do canto como elemento integrante da narrativa dramática (...)" (Coutinho, 2006, p.123).

Na seqüência do sobe som, em off o repórter retoma o enunciado do apresentador ao destacar que naquela manhã a Secretaria Estadual de Saúde reabriu parte do Hospital Anchieta, no Caju, que estava fechada desde 2002. Segundo o texto, no local foram instalados noventa e quatro leitos para atendimento exclusivo de crianças com dengue. As imagens mostram os leitos vazios, preparados à espera dos pacientes. Além dos leitos, novos profissionais de saúde foram convocados para trabalhar na unidade, conforme a passagem do repórter e a sonora do Secretário Estadual de Saúde, Sérgio Côrtes.

> **Passagem repórter Alex Cunha –** Vinte e quatro médicos foram convocados para trabalhar na nova ala do hospital. Vinte e três pediatras que eram da Secretaria, mas estavam emprestados para outros órgãos do estado.

> **Sonora Secretário de Saúde Sérgio Côrtes –** Com isso, temos a expectativa de ter pelo menos mais 50, 60 médicos que estavam cedidos a outros órgãos, que poderão trabalhar conosco nesse grave problema.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

A narrativa denota o caráter emergencial da medida e evidencia que o Hospital Anchieta, administrado pelo governo do Estado, não operava em sua capacidade máxima instalada. É devido à epidemia de dengue pela qual estado e município passavam que os leitos foram inaugurados e os profissionais, convocados. Com Antonio Brotas, podemos afirmar que "a dimensão dos serviços de saúde ganha ênfase justamente quando a demanda pelo atendimento nos postos e hospitais cresce" (Brotas, 2008, p.12).

A reportagem destaca, ainda, a visita do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, ao Hospital Anchieta. Em off, o repórter informa que o governador disse que o orçamento está liberado para a contratação de novos profissionais que possam ajudar no combate à epidemia da doença. Nas imagens, o governador aparece ao lado do Secretário Estadual de Saúde, caminhando pelo hospital, checando as instalações e cumprimentando funcionários. Ainda segundo o texto do *off*, o governador diz que a ampliação do horário de atendimento nos postos de saúde do município poderia contribuir para a redução das filas de pacientes nas portas das unidades de toda a rede pública. Enuncia o governador.

> **Governador Sérgio Cabral –** Se a prefeitura pudesse fazer esse esforço nesse momento e abrir pelo menos a metade dos postos de saúde nos locais onde há maior problema de dengue, teríamos menos pessoas precisando de leitos.

O off do repórter e a sonora do governador evidenciam um ponto de tensão existente entre o governo do estado e o governo do município do Rio de Janeiro. A tensão é percebida a partir da mediação operada pelo RJTV, uma vez que dentro ou fora da televisão, o jornalismo é uma "instituição simbólica entre determinados eventos e um público de leitores ou espectadores para quem esses eventos possam ser considerados relevantes (...)" (Machado, 2003, p.99). Neste momento, importa destacar que o telejornalismo não trabalha com uma concepção de "verdade", mas com versões da realidade apresentadas por sujeitos sociais distintamente posicionados na sociedade. A partir deste raciocínio, Arlindo Machado observa que, tecnicamente falando, o telejornal é composto de uma mistura de fontes de imagem e som: gravações em fita, filmes, fotografia, material de arquivo, mapas, textos, além de locução, música e ruídos. Segundo o autor,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> O que importa, porém é extrair as conseqüências necessárias dessa estrutura básica: o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso com relação aos fatos relatados (Machado, 2003, p.104).

Além de atuar como instância por meio da qual conflitos sociais são visibilizados, o modo como o telejornal posiciona os sujeitos públicos coloca em evidência a precariedade dos serviços de saúde, conforme mencionamos anteriormente. No período recortado, as ações e medidas adotadas por estes sujeitos são, em geral, emergenciais, uma vez que se tornou necessário controlar a epidemia e subsidiar os hospitais públicos para melhor atender ao grande volume de pacientes que se dirigia cotidianamente às unidades de saúde. Além da convocação de médicos do próprio Estado, cedidos a outros órgãos, conforme sonora do Secretário Sérgio Côrtes, outra medida de emergência foi a solicitação de ajuda a instâncias federais, de modo que médicos de outros estados pudessem auxiliar no combate à epidemia de dengue no Rio de Janeiro. Uma sonora do Secretário de Saúde, veiculada dia 31 de março de 2008, revela a solicitação ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde.

> **Sonora Sérgio Côrtes –** Hoje, entrei em contato com o presidente do Conselho de Secretários Estaduais de Saúde, para que ele busque junto aos outros 26 estados a possibilidade ou disponibilidade de médicos e pediatras. O governo do estado estará garantindo o transporte, a hospedagem e o pagamento dos plantões diários desses profissionais[40].

As medidas governamentais continuam a ser narrativizadas em outras edições do RJTV. Um *teaser* gravado pelo repórter Alex Cunha, dia 07/04/08, após uma coletiva realizada no quartel do Corpo de Bombeiros envolvendo

[40] No dia 7 de abril de 2008, o RJTV veiculou reportagem de Gabriela de Palhano que abordou a chegada da primeira leva de médicos vindos de outros estados para ajudar no combate à epidemia. A narrativa destaca o número de profissionais (28) que havia chegado à cidade até aquele momento, procedentes dos estados do Rio Grande do Sul, Amazonas e Mato Grosso do Sul. A narrativa menciona também que novos profissionais chegariam ao Rio nos próximos dias e destaca os valores que serão pagos a eles por plantão de 12 horas. Em uma inserção ao vivo no fim da edição do dia 07 de abril, a repórter Flávia Januzzi informa que o Secretário Estadual de Saúde dissera, em entrevista coletiva, que os 28 médicos presentes fazem parte de um total de 83 profissionais que começaram a chegar ao Rio no domingo, 06 de abril.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

agentes públicos, bem como uma sonora do Secretário Estadual de Saúde, na seqüência, evidenciam novas medidas.

> **Teaser repórter Alex Cunha –** A reunião acabou agora a pouco e o governador e o secretário definiram um novo pacote de ações que vai envolver todos os órgãos do estado no combate a possíveis focos do mosquito Aedes aegypti e também estratégias de prevenção da doença. A Secretaria de Saúde anunciou que vai inaugurar ainda esta semana outras quatro tendas de hidratação para atender aos pacientes.

> **Sonora Secretário Sérgio Côrtes –** Nós pretendemos abrir o centro de hidratação na Gávea, para dar suporte ao Hospital Miguel Couto. O centro de hidratação no próprio hospital Albert Schweitezer, para separar os pacientes que procuram a emergência com suspeita de dengue, o centro de hidratação do hospital Eduardo Rabello, em Campo Grande, e queria anunciar aqui que estaremos abrindo um centro de hidratação no Méier, ali dentro do quartel do Corpo de Bombeiros, todo ele em parceria com o Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo. A equipe toda do hospital Albert Einstein está vindo, médicos, enfermeiros, técnicos para assumir o centro de hidratação do Méier.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Mayra Gomes (2003, p.69) observa que no artigo "Uma ideologia perversa", a filósofa Marilena Chauí chama a atenção para o fato de que o tratamento dado pela mídia aos relatos de violências faz uso freqüente de palavras como *surto*, *onda*, *crise* e *epidemia*. Estas palavras, no entender de Chauí, nos direcionam a um entendimento das ocorrências como exceções ou desregulamentos de um Brasil ordeiro, sem violência. Apesar de a autora referir-se especificamente à temática da *violência*, as reflexões são úteis para nossa análise da visibilidade conferida às ações dos sujeitos públicos nas narrativas da dengue. Por um lado, a abertura de novos centros de hidratação, enunciada pelo sujeito público Sérgio Côrtes, nos diz de uma necessidade imediata da população. Torna-se necessário realiza-la, uma vez que a estrutura convencional de saúde pública no estado e município parece não dar conta de atender às demandas da população. Por outro, a ênfase tanto dos telejornais quanto dos sujeitos públicos em ações de caráter pontual, podem impedir que o problema seja pensado como algo crônico. Segundo Mayra Gomes, "essa abordagem dos fatos promove estratégias pontuais de enfrentamento desse mal, como fragmentado e esporádico,

sem que em nenhum momento seja pensado como persistente ou crônico" (Gomes, 2003, p.69).

Apesar da ênfase conferida pelo RJTV às ações emergenciais promovidas e à caracterização, em geral negativa, dos serviços públicos de saúde, o telejornal apresenta reportagens cujos enquadramentos são mais amenos, o que não significa a inexistência de conflito. Este, segundo Luiz Gonzaga Motta, é o "elemento estruturador fundamental de qualquer narrativa e particularmente da narrativa jornalística" (Mota, 2006, p131). A reportagem de Gabriela de Palhano com imagens dos cinegrafistas Hélio dos Santos e Sérgio Costa, reproduzida textualmente abaixo, apesar de expor inúmeros conflitos, constrói sentidos mais amplos sobre os sujeitos e serviços públicos de saúde.

Off 1 Gabriela de Palhano - Mesmo com a determinação da Justiça, os postos de saúde de Botafogo, Flamengo, Vila Isabel, Tijuca e Praça da Bandeira permaneceram fechados durante a madrugada. Os pacientes procuraram atendimento nos sete postos que já funcionam à noite, como o Del Castilho e do Méier.

Sonora taxista Jorge Maia - Eu cheguei aqui e tava até tranqüilo. Eu até pensei que não tinha pediatra. Pensei: 'Vazio desse jeito, não deve ter'. Minha esposa olhou e viu que tinha pediatra e entrou direto. Tá demorando só um pouquinho lá dentro, mas aqui fora foi tranqüilo.

Off 2 Gabriela de Palhano – Hoje cedo, a espera nos hospitais já era bem menor. Para a Secretaria Estadual de Saúde, o esquema com as tendas de hidratação ajudou a melhorar o atendimento. Hoje começam a funcionar outras duas, na Gávea e no Méier, onde vão trabalhar os profissionais de saúde cedidos pelo Hospital Israelita de São Paulo, Albert Einstein.

Sonora enfermeiro Carlos Eduardo - Eu nasci no Rio de Janeiro, trabalho em São Paulo, mas estou vindo por solidariedade mesmo.

Off 3 Gabriela de Palhano - Os médicos que vieram do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Amazonas, no fim de semana, já estão em um novo hotel em Copacabana. Eles chegaram a ficar hospedados no Centro, ao lado de um prédio abandonado, cheio de criadouros do mosquito Aedes aegypti. Três funcionários do hotel já tiveram dengue. Os profissionais de saúde, a maioria pediatras, começam a trabalhar na tarde desta terça-feira.

Sonora médica Denise Katz - Estudamos muito de dengue, porque não temos experiência com a doença, e vamos para a guerra.

Passagem repórter Gabriela de Palhano - A chuva dos últimos dias deixou as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

autoridades em saúde mais preocupadas com a proliferação do mosquito. O governo do estado quer que os 500 militares disponíveis para o controle do Aedes aegypti entrem logo em ação.

Off 4 repórter Gabriela de Palhano - Além disso, todas as secretarias devem entrar no combate. Os funcionários da CEDAE já se preparam pra isso.

Sonora governador Sérgio Cabral - A idéia é somar todos os esforços do estado e gerar uma transversalidade nesse combate à dengue, quer dizer, unindo quartéis da PM, quartéis do Corpo de Bombeiros, Secretaria de Educação com diretores de escolas, todas as áreas do estado mobilizadas no combate à dengue.

Off 5 repórter Gabriela de Palhano - A Secretaria de Saúde do Estado também já planeja as ações para o ano que vem.

Sonora secretário Sérgio Côrtes - Estamos montando um grupo de pesquisadores do país todo, vamos convidar os melhores profissionais das melhores universidades do país, para que nós montemos um grupo de trabalho, um grupo técnico, uma comissão para avaliar não só a dengue que aconteceu este ano, essa epidemia que aconteceu este ano, mas também nos prepararmos para 2009. Eu acho que tem que ter uma mudança radical. Está mostrado que o modelo de combate atual não funciona. Então, tem que mudar.

A sonora do taxista Jorge Maia, por exemplo, confere outros sentidos ao serviço público de saúde, mesmo durante o auge da epidemia de dengue no estado e município. Segundo o entrevistado, a esposa dele não encontrou problemas para ser atendida em um posto de saúde da rede pública, apenas um pouco de demora durante o atendimento. A narrativa também destaca o menor movimento em outros hospitais públicos, o que segundo a Secretaria Estadual de Saúde é resultado da instalação das tendas de hidratação no estado e município do Rio.

A sonora do sujeito público Sérgio Cabral, apesar de ainda na perspectiva das "medidas emergenciais", sinaliza a importância de um trabalho transversal que congregue vários atores da sociedade para o combate à dengue. Os sentidos propostos por ele evidenciam a necessidade de uma abordagem mais complexa para combater a epidemia, com esforços dos sujeitos públicos e da população da cidade. Já a sonora do sujeito público Sérgio Côrtes sinaliza na direção da importância de medidas mais preventivas e de longo prazo, uma vez que "o modelo de trabalho atual não funciona". A idéia é que, em 2009, estado e município estejam mais preparados para lidar com a doença.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

2.4.2. Forças Armadas e hospitais de campanha: primeiras informações.

As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, Exército e Aeronáutica, administradas pelo Ministério da Defesa, foram um dos principais sujeitos públicos no combate à epidemia de dengue. Em 27 de março de 2008, o RJTV noticiou que o Secretário Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Sérgio Côrtes, se reunira naquela manhã com representantes das Forças Armadas para definir detalhes sobre a ajuda do Ministério da Defesa no combate à dengue. Exército, Marinha e Aeronáutica passariam a atuar no combate ao mosquito e no atendimento aos pacientes, tornando-se um dos atores sociais a ter maior visibilidade no noticiário do RJTV. A principal estratégia de atuação foi a montagem de hospitais de campanha em pontos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense: Barra da Tijuca, Deodoro e o terceiro, no município de Nova Iguaçu.

O primeiro dia de funcionamento dos hospitais de campanha foi em 31 de março de 2008, sendo este o principal assunto do RJTV na edição. Após proferirem a escalada e a vinheta RJTV rodar, os apresentadores introduzem o assunto.

> **Apresentadora Renata Capucci –** Faltam três minutos para o meio dia. Boa tarde pra você!
>
> **Apresentador Márcio Gomes –** Boa tarde! Uma situação de guerra. Começaram hoje cedo a funcionar os hospitais de campanha montados pelo Exército, Marinha e Aeronáutica, em dois pontos críticos da epidemia de dengue no nosso estado: a zona oeste do Rio e o município de Nova Iguaçu.
>
> **Apresentadora Renata Capucci –** A dengue já atingiu mais de 43 mil pessoas no estado, 54 morreram, e mais do que nunca é preciso o apoio de todos para que esses números não aumentem ainda mais.
>
> **Roda vinheta Dengue**
>
> **Apresentadora Renata Capucci –** Nós começamos essa edição do RJ direto do Globocop, que está na Barra da Tijuca sobrevoando o Hospital de Campanha da Aeronáutica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

A narrativa em destaque possui algumas das estratégias textuais de que nos fala Luiz Gonzaga Motta (2007) no artigo "A pragmática da narrativa jornalística". Segundo o autor, a principal estratégia do narrador jornalístico é provocar o *efeito de real* (Barthes, 2004). É fazer com que leitores/ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos falassem por si mesmos, como se não houvesse mediação. Segundo o autor,

> Ainda que não seja "a realidade", o texto jornalístico tem veracidade, recorre a recursos de linguagem para parecer factual, objetivo e verdadeiro. Produz o "efeito de real". Esse é o efeito pretendido e, na maioria dos casos, é confirmado pelo leitor. O que o jornalista quer significar e as interpretações do significado pelo destinatário coincidem em grande parte ou na sua essência. Essa precisão não retira dos relatos jornalísticos o caráter narrativo, mas os transforma em uma narrativa singular: um jogo de linguagem situado entre a narrativa da história (realista) e a literária (imaginativa). É esse jogo entre correspondência e desvios textuais na comunicação jornalística que a análise da narrativa deve observar, esse é o seu objeto (Motta, 2007, p.157).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Segundo Motta, o *efeito de real* no jornalismo pode ser obtido com diversos recursos de linguagem e com uma fixação do centro do relato no aqui e agora, no momento presente. O jornalismo observa o mundo a partir do atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado ou antecipar o futuro. Segundo ele, ao leitor/telespectador/ouvinte/internauta é oferecido um lugar empírico de onde observar o mundo, compreender o passado e, mesmo, especular acerca do futuro. O jornalismo opera uma mediação lingüística e temporal e oferece ao homem moderno, na sua dispersão e evasividade, uma forma de compreender o mundo e a sua própria existência.

A narrativa em destaque tem o "atual" como ponto de partida. "Começaram hoje cedo a funcionar os hospitais de campanha montados pelo Exército, Marinha e Aeronáutica (...)", observa o apresentador Márcio Gomes. O hoje é o marco temporal que ancora o texto. De acordo com Motta, na afirmação radical do presente, da atualidade, o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade, reduzindo e encerrando tudo no momento atual. É da atualidade que ele organiza as histórias como sucessão. O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se, uma vez que tudo gira em torno do aqui e agora, do presente, do on-line e do ao vivo. Para ele, deriva daí a profusão de

advérbios e expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente e do instante.

A identificação sistemática de lugares (onde), segundo o autor, também cumpre função argumentativa: localiza, situa, comunica a idéia de precisão, causando a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas. Neste sentido, a narrativa demarca aqueles locais onde há maior incidência da doença no município (zona oeste) e estado do Rio de Janeiro (cidade de Nova Iguaçu). No entender de Certeau, os relatos constituem operações sobre os lugares e exercem também o papel cotidiano de uma instância móvel e magisterial em matéria de demarcação (2003, p. 207). Por causa do grande número de contaminados pela doença nestes locais, uma das ações governamentais estratégicas no sentido de melhorar o atendimento à população é instalar, temporariamente, os chamados hospitais de campanha nestas localidades.

Se o dado numérico é o que fundamenta a instalação dos hospitais de campanha nas localidades mencionadas, na narrativa em destaque os números também funcionam como estratégia textual dos jornalistas para conferir veracidade ao relato. Ao mesmo tempo em que eles justificam a instalação dos hospitais de campanha, justificam a ênfase na cobertura do tema no RJTV, uma vez que a quantidade de pessoas que um evento envolve é um dos valores-notícia do jornalismo (Traquina, 2005). A estratégica numérica permeia não apenas a narrativa selecionada, mas a quase totalidade das narrativas do RJTV sobre o tema. Segundo Motta, "o abundante uso de números e de estatísticas confere precisão ao relato (idades, quantias, volumes, porções, dimensões, etc.). São igualmente estratégias de linguagem cujo objetivo é repassar uma idéia de rigor e veracidade" (Motta, 2007, p.159).

Na seqüência da narrativa, a repórter Mariana Gross realiza uma entrada ao vivo do *Globocop*, conforme enuncia a apresentadora Renata Capucci: "Nós começamos essa edição do RJ direto do Globocop, que está na Barra da Tijuca sobrevoando o Hospital de Campanha da Aeronáutica". Na inserção, Mariana Gross procede a uma apresentação do hospital ao telespectador. A descrição oral é acompanhada por imagens aéreas às quais a repórter se refere no texto que enuncia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> (...) Pra quem não sabe onde fica, o acesso é feito pela Avenida das Américas, na altura do Bosque, da Barra. Você vê aí imagens do clube e também do hospital de campanha que começou a funcionar às 8 da manhã. Esse é o único dos três hospitais de campanha das Forças Armadas que está recebendo pacientes à procura do primeiro atendimento. A estimativa é de que esse hospital atenda a cerca de 400 pessoas por dia. São 40 leitos e 80 profissionais de saúde. Essa unidade também vai receber pacientes encaminhados pelo Hospital Lourenço Jorge, aqui na Barra. É preciso lembrar que antes dos pacientes chegarem até aqui eles precisam passar por uma triagem que está sendo feita no Terminal Alvorada. Quem está lá é a repórter Flávia Januzzi. Boa tarde, Flávia.

Na caracterização, o que se percebe é que as primeiras informações veiculadas no RJTV sobre o hospital de campanha da Aeronáutica são genéricas e parecem dizer da forma como a repórter observa a cidade. Ao direcionar o olhar e narrar o espaço do alto, o texto evidencia dados gerais: informa a capacidade de atendimento, o público diário estimado, o número de leitos e de profissionais, bem como a localização. Retomando o pensamento de Michel de Certeau (1994), a imagem do espaço que o trecho narrativo projeta alinha-se à metáfora da *cidade-panorama* da qual nos fala o autor. Como a repórter observa o espaço de um ponto de vista distanciado, a percepção do urbano que ela comunica se revela pouco afeita às práticas que efetivamente se dão no espaço.

As imagens apresentadas no enunciado estão estreitamente vinculadas ao texto verbal, não atuando como mecanismo contradiscursivo. No momento inicial o telespectador visualiza parte da cidade, mais especificamente da Barra da Tijuca, na altura da Avenida das Américas. O espaço representado nos diz de uma cidade rica em recursos naturais (mar, verde), mas também altamente moderna, com edifícios, longas avenidas cobertas por árvores e espaços em construção. "A cidade é uma realização humana, produto e obra, por isso tem a dimensão do movimento da vida humana", nos diz Carlos (2005, p.90).

À medida que a narrativa se processa, as imagens caminham do genérico ao específico. A partir da contextualização do espaço por um plano mais aberto, o movimento da câmera posicionada no helicóptero direciona-se lentamente ao hospital de campanha. A princípio, visualiza-se a sede do Clube Campestre da Aeronáutica, via plano aberto. Nestas circunstâncias, ao telespectador é dado a ver, de um ponto de vista distanciado, as edificações da sede do clube campestre,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

as quadras esportivas, bem como a cobertura verde. É possível visualizar também as tendas montadas no espaço para atendimento aos pacientes de dengue. A partir do movimento de *zoom*, recurso técnico das câmeras, os elementos que aparecem na imagem são aproximados e tornam-se, lentamente, mais nítidos. Neste sentido, detalhes do espaço não revelados em plano aberto passam a ser evidenciados. As imagens das tendas tornam-se mais nítidas, sendo possível perceber que são feitas de lona; é possível ver também que duas ambulâncias estão estacionadas no local. Além disso, o telespectador visualiza, pela primeira vez, os "praticantes" que circulam pelo espaço, alguns fardados, outros sem fardas.

Na seqüência da inserção do Globocop, a repórter Flávia Januzzi realiza uma entrada ao vivo da tenda da Aeronáutica, instalada no Terminal Alvorada, na Barra da Tijuca. O texto de Januzzi reforça algumas das informações noticiadas por Mariana, do Globocop, ao reafirmar, por exemplo, que na tenda está sendo feita a triagem dos pacientes com suspeita de dengue para encaminhamento à sede campestre do Clube da Aeronáutica em caso de confirmação. A repórter informa também que naquela primeira manhã de funcionamento foram atendidos 90 pacientes. Trata-se, segundo ela, do "início da grande operação de guerra no esforço para diminuir o número de mortes causadas pela doença".

Flávia Januzzi destaca, também, que no fim de semana foram registradas cinco mortes com suspeita de dengue hemorrágica, sendo que três das vítimas eram crianças. Ela observa que os casos aconteceram em Duque de Caxias, São João de Mereti, Itaboraí, Realengo e em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Após o ao vivo, o RJTV traz uma reportagem da mesma repórter, tratando destas mortes. Apesar do valor-notícia principal da notícia ser a "morte", sendo este também o enquadramento prioritário do texto, ela traz as primeiras informações de nosso *corpus* sobre os hospitais de campanha do Exército e Marinha[41].

[41] As primeiras informações sobre o hospital de campanha da Marinha são fornecidas em nota coberta pelo apresentador Márcio Gomes. O apresentador destaca que a unidade da Marinha "já está funcionando na Baixada Fluminense". A tenda foi montada no quartel dos bombeiros de Nova Iguaçu. O texto informa que há 40 cadeiras para hidratação e que só serão atendidos os pacientes encaminhados pelo Hospital da Posse e pelo Hospital Municipal de Duque de Caxias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Assim como as primeiras informações sobre o hospital de campanha da Aeronáutica, as informações sobre o hospital do Exército são genéricas, panorâmicas. Em off, a repórter narra:

> No hospital de campanha do Exército, três equipes com médicos, enfermeiros e farmacêuticos vão se revezar no atendimento 24 horas. Para os casos mais graves, foram instalados 50 leitos em containeres. Hoje à tarde, 300 militares de um total de 500 homens começam um treinamento para começar a atuar no combate à dengue com os agentes de saúde.

O enquadramento numérico é nítido na narrativa. As imagens ainda não mostram o atendimento aos pacientes; os leitos dos containeres aparecem vazios, aparentemente preparados para atender aos pacientes de dengue. Em uma das imagens, os profissionais do Exército aparecem de pé e fardados, ouvindo orientações de um de seus pares. O *off* é seguido de uma sonora do coronel Pedro Geraldo Pinheiro, comandante do hospital de campanha do Exército, que diz das atribuições do grupo.

> **Cel. Pedro Geraldo Pinheiro –** No tratamento da doença já instalada, nosso trabalho. Mas penso que a diminuição dos vetores seria excepcional.

2.4.3. Combatentes da guerra e agentes conscientizadores.

A sonora do Cel. Pedro Geraldo Pinheiro, reproduzida acima, nos diz dos principais vieses da cobertura do RJTV sobre as Forças Armadas, que atuaram, essencialmente, no tratamento aos pacientes acometidos pela doença e no esforço pela diminuição dos focos do mosquito *Aedes aegypti*. O trabalho das Forças Armadas no combate aos vetores foi evidenciado em algumas das narrativas do telejornal, uma delas veiculada no dia 09 de abril de 2008.

A matéria da repórter Maria Paula Carvalho narrativizou as ações das Forças Armadas no combate à epidemia de dengue a partir da atuação nas comunidades e bairros do Rio de Janeiro mais atingidos pela doença. A reportagem foi o principal destaque na escalada e a primeira matéria da edição do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

dia. A nota de abertura do vt revela que as ações das Forças Armadas constituem o enquadramento prioritário da narrativa. Eis o texto de abertura.

> **Apresentador Márcio Gomes –** Agora meio-dia em ponto no Rio. Boa tarde!
>
> **Apresentadora Renata Capucci** – Boa tarde pra você! A guerra contra a dengue ganha o reforço de novas tropas do Exército, Marinha e Aeronáutica. Depois das tendas de hidratação, soldados das três forças estão agora, nas ruas.
>
> **Apresentador Márcio Gomes –** Eles estão combatendo o mosquito, conscientizando os moradores. É que a chuva dos últimos dias, segundo os especialistas, pode prolongar essa temporada da doença. Por isso, todo cuidado é importante.
>
> **Vinheta dengue**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

As notas dos locutores em destaque e o conjunto mais amplo de narrativas sobre a epidemia de dengue no Estado e município do Rio no RJTV, tratam o combate à dengue na perspectiva de uma "luta", de uma "guerra" cotidiana que é de responsabilidade de todos. Os agentes do Exército, Marinha e Aeronáutica são caracterizados como mais um dos combatentes da guerra. Adriano Duarte Rodrigues nos diz da "natureza metaforizante da prática discursiva midiática" (2002, p.222). Segundo o autor, o fato de a mídia assimilar parte da dimensão discursiva de outras instituições contribui para a função de mediação de que seu discurso é responsável. Neste exemplo, o que se verifica claramente é a transposição do discurso militar, ao narrativizar as ações das Forças Armadas.

Na seqüência das notas reproduzidas acima, a reportagem de Maria Paula Carvalho, com imagens dos cinegrafistas Pedro Acyr e Egladio Vianna, é iniciada em *off*.

> **Off repórter Maria Paula Carvalho -** Divididos em grupos, cerca de 300 soldados do Exército estão percorrendo ruas em bairros da Zona Oeste e subúrbio do Rio, as áreas mais atingidas pela epidemia de dengue. O objetivo é visitar 95 mil residências à procura do mosquito Aedes aegypti.

As primeiras imagens do *off* mostram um conjunto de soldados do Exército, devidamente fardados, a caminhar pelas ruas do subúrbio do Rio de Janeiro. O que se percebe é que não há um tratamento individualizado a um ou outro soldado; a ênfase visual e textual da narrativa telejornlalística é no grupo de militares. A passagem da repórter, gravada em Realengo, enfatiza que os militares foram treinados por técnicos da Secretaria Estadual de Saúde antes de saírem às ruas. Nela, a repórter aparece em primeiro plano; em segundo plano está evidenciada a imagem de um grupo de soldados a receber orientações de um dos agentes de saúde da secretaria. O objetivo do treinamento, segundo a repórter, é que além de identificar os focos do mosquito transmissor da doença, os militares sejam capazes de orientar a população para que colabore na luta contra a dengue. Segundo Beatriz Becker, os locais que os repórteres escolhem para gravar suas passagens, os textos em que aparecem no vídeo no início, no meio ou no fim da matéria, assinando a reportagem, não são aleatórios. "O ambiente visual, as instalações, os objetos e as pessoas em referência atribuem sentidos ao fato social e reafirmam o que está sendo apresentado" (Becker, 2004, p.87).

A passagem é seguida por um segundo off, em que a repórter narra o trabalho de "vistoria" feito pelos militares nos carros abandonados pelas ruas e também nas residências. O texto está em sintonia com as imagens gravadas pelo cinegrafista. Estas mostram um carro velho, depredado, encima de uma calçada. A câmera vigilante também acompanha o trabalho dos militares que vasculham cantos e becos de casas com características de habitações populares, eliminam líquidos contidos em garrafas de vidro e mostram aos moradores os locais e recipientes que podem ser propícios à proliferação do mosquito. A impressão comunicada no texto é que nada escapa ao olhar vigilante dos agentes e do próprio telejornal. Em uma das imagens do *off*, um agente aparece ao lado de uma moradora apontando para a tampa de uma lixeira em que há um acúmulo de água. O sobe-som usado na narrativa evidencia o caráter de orientação da fala do agente de saúde, que diz: "quando chove, isso aqui acumula água". Em sonora, a moradora diz à repórter o que aprendeu com o agente.

> **Personagem moradora -** Aprendi que não pode deixar água na garrafa, não pode deixar poça d´água.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Na narrativa verifica-se que o agente de saúde está representado como o sujeito conscientizador, enquanto a moradora é configurada como sujeito conscientizado. A sonora da entrevistada é curta e não destaca nome ou profissão; aparece, essencialmente, para confirmar o texto da repórter e a visada da narrativa.

Na seqüência textual, em *off* a repórter destaca o trabalho dos soldados em um grande condomínio de Realengo. A "missão" dos soldados, segundo ela, é visitar quase 500 apartamentos do condomínio. A partir "sintonia" entre o texto verbal e imagens, a repórter mostra que o trabalho de prevenção é feito com larvicidas, colocados em ralos e vasos de plantas dos apartamentos. O casamento preciso entre texto e imagem comunica ao telespectador o caráter de objetividade de que se reveste a narrativa; o que o texto verbal enuncia, o visual comprova. Segundo Elisabeth Bastos Duarte, no mundo contemporâneo as imagens parecem gozar de uma objetividade fidedignidade que fazem passar despercebido o fato de que qualquer imagem é produto de uma intenção. Segundo a autora, para que uma imagem possa ser mostrada,

> (...) submete-se a uma operação de transformação do que é visível em algo visto, ou seja, a um processo de conferência de sentido. Nessa perspectiva, o ato de fala que é mostrar tem em si um sentido. As imagens não são neutras. Embora uma das características da televisão seja essa busca de apagamento do olhar, isto é, do ponto de vista, naturalmente ele existe, até porque não se pode mostrar sem antes ter visto (Duarte, 2004, p.113).

De Realengo, a narrativa transporta o telespectador para a zona norte do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador. O bairro é caracterizado como uma localidade em que o índice de casos de dengue também é alto. A reportagem continua a narrativizar as ações e intervenções dos agentes (agora, os da Marinha) sobre os espaços e sujeitos da cidade. O viés numérico perpassa o texto, que destaca que cem homens vão vistoriar casas e “conscientizar” os moradores da região pelos próximos trinta dias.

Apesar das ações e intervenções dos agentes das Forças Armadas constituírem o enquadramento prioritário da narrativa, outro ator social ganha destaque no texto. Trata-se da Federação das Indústrias do Estado do Rio de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Janeiro, a Firjan, que elaborou uma cartilha com informações sobre prevenção para ser distribuída nas escolas. Em off, a repórter narra:

> **Off repórter Maria Paula Carvalho –** A luta contra a dengue mobilizou também a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro. A Firjan criou uma cartilha com informações básicas, para que cada pessoa combata o mosquito dentro da própria casa. O folheto vai ser distribuído nas escolas públicas de todo o estado.

O off é seqüenciado por sonora de um dos representantes da Firjan, que não é identificado nos créditos. Enquanto enuncia, o entrevistado folheia a cartilha.

> **Sonora representante Firjan –** A criança se torna um multiplicador junto à sua família, à sua comunidade (...). Você pode ver exatamente que é uma cartilha extremamente ilustrativa. Mostra aonde o mosquito pode crescer, aonde encontramos os focos e o que a população pode fazer para evitar esta doença que á realmente complicando a vida do carioca.

A sonora do representante da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro nos remete à segunda categoria que vamos analisar: a população.

2.5. A população representada: bons exemplos e experiências dramáticas.

No primeiro capítulo desta pesquisa, a partir do pensamento de autores como Certeau (1994), França (2006), Araújo (2006), Maia e Krapp (2005), observamos que o homem comum tem conquistado cada vez mais espaço no ambiente e na cultura urbana contemporânea e também na mídia e meios jornalísticos. O estudo de Beatriz Becker (2007) corrobora o pensamento dos autores mencionados. Ao proceder uma análise quantitativa das sonoras em três telejornais do Rio de Janeiro, entre eles o RJTV, Becker constata que o percentual de cidadãos comuns (59,3%) nos noticiários é maior do que o percentual de representantes de associações ou sociedade civil (30,3%) e bem mais significativo do que o número de representantes do poder público (10,3%). No entanto, grande parte dos cidadãos comuns são representados como vítima e parcela significativa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

das sonoras são usadas para endossar o *off* do repórter. Ao analisar os depoimentos também de maneira qualitativa, Becker observa.

> A maioria desses depoimentos é muito breve e, por essa razão, sequer é creditada, a voz e o rosto desses entrevistados não tem nome, nem profissão, e não se configuram como uma opinião esclarecedora, servem mesmo apenas para autenticar o relato do repórter sobre um determinado fato social. 4,2% dos depoimentos dos cidadãos comuns que aparecem nos telejornais são eleitos como exemplos a serem seguidos, geralmente porque enfrentam as dificuldades da vida cotidiana com esperança e coragem independentemente do apoio dos poderes públicos (Becker, 2008, p.185).

Se a presença do sujeito comum, o cidadão do Rio de Janeiro no noticiário é um dado relevante, não podemos deixar de perceber a forma como ele é narrativamente construído nos textos do RJTV. O que nos dizem estes sujeitos? Como dizem? Em que circunstâncias? Por quais espaços eles circulam? Que associações são possíveis entre os espaços e seus sujeitos?

2.5.1. A personalização da morte.

Segundo teóricos do jornalismo como Nelson Traquina (2005; 2008), a "morte" é um valor-notícia fundamental para a comunidade interpretativa dos jornalistas e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é cotidianamente apresentado nas páginas dos jornais impressos, na internet e nos noticiários televisivos. A morte em decorrência da epidemia de dengue foi um dos destaques da cobertura sobre o tema no RJTV. Por um lado ela foi apresentada pelo viés numérico, à medida que rotineiramente o telejornal noticia o aumento no número de casos diagnosticados e de mortes em decorrência da epidemia.

Mais do que a abordagem da morte a partir do viés numérico, o que nos interessa neste momento é a personalização da morte operada pelo RJTV. Como se sabe, o personagem é um recurso fartamente usado no jornalismo de televisão e um de seus objetivos é provocar a identificação no telespectador, muitas vezes a partir do vínculo emocional. Neste sentido, das narrativas que compõem nosso *corpus*, há um conjunto que, além de nos informar o número de mortes, nos diz

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

sobre estas pessoas, seus familiares e sobre os espaços onde habitam/habitavam, o que nos auxilia no empreendimento de compreender os sujeitos e espaços da cidade do Rio de Janeiro a partir de um recorte temático e espacial.

No dia 8 de abril de 2008, o RJTV traz uma reportagem de Susana Naspolini e do cinegrafista Carlos Alberto Silva sobre o primeiro caso do ano de morte por contaminação de mãe para filho.

> **Apresentador Vandrei Pereira –** E ontem foi confirmado o primeiro caso de morte por contaminação da dengue de mãe para filho.
>
> **Apresentadora Renata Capucci -** É, o bebê foi infectado pelo vírus durante a gravidez. Para os médicos não é uma situação comum, mas casos como este não são tão raros como se imagina.
>
> **Off 1 Repórter Susana Naspolini –** A gravidez tão planejada, tão sonhada de Rosicleide, se transformou em uma tragédia para a família de José Roberto. A filha mais velha estava com cinco anos quando o casal decidiu ter mais um filho. No sétimos mês de gestação, a dengue acabou com este sonho. No dia quinze de março, Rosicleide e o bebê morreram.

O *off* da repórter é apresentado junto a uma seqüência de imagens, algumas delas, imagens fixas, fotografias de Rosicleide e da filha mais velha do casal. A primeira foto nos mostra Rosicleide vestida com camiseta vermelha e encostada em uma motocicleta, com um leve sorriso. Em uma outra imagem, ela aparece segurando um bebê, provavelmente a filha mais velha, com alguns anos a menos de idade do que quando gravada a reportagem. Se como observa Susan Sontag (2002, p.16), "fotos fornecem um testemunho", as imagens fixas de Rosicleide testemunham, ao mesmo tempo, sua presença e sua ausência. Parte do *off* é coberta também com imagens do marido, José Roberto, que aparece conversando com a repórter. De camiseta e barba por fazer, em uma destas imagens ele segura uma folha de papel, ao que tudo indica o atestado de óbito da esposa. Na seqüência, a narrativa traz uma breve sonora do marido.

> **José Roberto Araújo (viúvo de Rosicleide) –** Deus levou ela e pronto. Eu não posso fazer mais nada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Se a fala e o texto são elementos indispensáveis na construção da cena, outros fatores devem ser levados em conta a fim de compreendermos a construção dos sujeitos na narrativa. O vestir e o falar de José Roberto denotam ser ele um homem de origem simples, de classe popular. Compondo o cenário, durante a fala do personagem visualizamos, ao fundo, três crianças que assistem à gravação da reportagem. Ao tratar do caráter polissêmico da imagem, Célia Ladeira Mota observa que as imagens nos remetem a códigos culturais: as cenas filmadas mostram objetos, lugares, pessoas, que vão contextualizar o fato. "As pessoas têm características físicas, sexuais, étnicas, de vestuário, que nos permitem identificá-las socialmente. Os lugares são conhecidos ou não, mas são identificados com base em códigos como cidade-campo, centro-periferia, bairro rico, bairro pobre" (Mota, 2006, p.134).

Outra imagem a compor a cena revela uma casa com características de habitação popular, ainda por fazer; a casa de José Roberto e Rosicleide. As paredes encontram-se sem reboco; apoiado em uma das janelas da casa visualiza-se um balde típico daqueles usados em construções e pedaços de madeira encostados à parede.

> Parece um equívoco, observando-se o entorno, restringir os atos e situações comunicacionais à linguagem e ter como modelo ideal a conversa entre dois ou mais falantes, ou a leitura solitária de livros e periódicos. A fala ou o texto até mesmo podem não existir ou serem secundários diante da gestualidade, da imagem, do som, da ambiência, da motricidade e do contexto cênico onde a comunicação se processa. Mesmo quando a fala e o texto são centrais, há de se considerar os demais elementos não lingüístico que acompanham ambos (Lopes, 2003, p.167).

Rosicleide é a principal personagem da narrativa de Suzana Naspolini. Na seqüência da matéria, a repórter menciona outros casos de contaminação da doença de mãe para filho e destaca o número de mulheres contaminadas durante a gravidez no estado do Rio no ano de 2007. No entanto, nestes outros casos a ênfase é apenas numérica e não há menção a nomes ou destaque das pessoas/vítimas nas imagens. As frases usadas pela repórter são genéricas, tais como: "mãe e bebê morreram de dengue no Hospital Azevedo Lima"; "Em março deste ano, os médicos confirmaram o caso de uma moradora da Cidade de Deus que passou dengue para a filha durante a gravidez". Do mesmo modo, as imagens

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

também são genéricas, com enquadramentos gerais como, por exemplo, em barrigas de grávidas e em leitos de hospitais. Na narrativa, a personagem Rosicleide é representada como a síntese destes casos, com um rosto, uma breve história de vida, uma família. Por ter sido a morte mais recente, o caso mais atual de que se tem notícia, uma vez que ocorreu no dia anterior à divulgação da ocorrência, a morte da personagem é o gancho da narrativa, que enfatiza que casos como o de Rosicleide são relativamente comuns.

É também de Suzana Naspollini uma reportagem veiculada no dia 10 de abril de 2008[42]. A principal personagem representada na narrativa é Rafaela, mais uma das vítimas da epidemia de dengue no estado e município do Rio de Janeiro. O enquadramento da matéria em torno do drama da família de Rafaela

é notório, sendo a menina a personificação das dezenas de mortos noticiados no RJTV. Abaixo o texto integral.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> **Apresentador Márcio Gomes –** Preocupação! Um sentimento que cerca todos nós, moradores do Rio, dez dias depois do início do mês de abril. O verão já terminou, mas os números da epidemia de dengue ainda são assustadores.
>
> **Apresentadora Renata Capucci –** A Secretaria Estadual de Saúde confirmou mais doze mortes de quinta-feira passada até ontem, e entre as vítimas está uma menina de seis anos.
>
> **Off 1 repórter Suzana Naspollini –** O avô estava reformando o quarto. A avó comprou roupas novas para a neta. Os brinquedos, o material da escola, tudo ali, à espera de Rafaela, mas a menina, de seis anos, não vai mais voltar para casa.
>
> **Sonora avó (sem identificação nos créditos) –** Muitas saudades, vai ser difícil, difícil, difícil (...).
>
> **Off 2 repórter Suzana Naspollini –** Rafaela morreu ontem à tarde, de dengue. A família conta que desde o dia vinte e um de março ela vinha lutando contra a doença. Quando os sintomas apareceram, a menina foi trazida para este hospital particular de Padre Miguel. Mas, segundo a tia, os médicos disseram que era uma virose.
>
> **Sonora tia Leda Cavalcanti –** Desconfiava que a Rafaela tava numa crise de bronquite. Aí ela com febre, com febre, aí olhou, ah, é garganta.

[42] Interessante observar aqui que muitas das narrativas dramáticas veiculadas no RJTV são da repórter Suzana Naspollini.

> **Passagem repórter –** Como Rafaela continuava sentindo muita dor na barriga, dois dias depois a mãe dela trouxe novamente a filha para este hospital particular em Padre Miguel. Foi quando foi feito o exame de sangue e constatada dengue. A menina ficou internada aqui por uma semana e precisou ir para uma Unidade de Tratamento Intensivo. A família só conseguiu vaga no Hospital Beneficência Portuguesa, em Niterói.

> **Off 3 repórter Suzana Naspolini –** Assim como Rafaela, por conta da lotação nos hospitais, outros moradores do Rio estão procurando atendimento fora da cidade. Em quinze dias, outras duas crianças, também moradoras da zona oeste, só conseguiram internação em Niterói. Os dois também morreram. Os dois também morreram. Até agora a dengue já matou 79 pessoas no estado, 46 eram moradoras do município do Rio. O número de casos já chega a 75.399 no estado, mais da metade, aqui na capital. E mesmo com tantas tragédias, ainda encontramos situações assim. Em Senador Câmara, a uma quadra da casa onde morava Rafaela, muito lixo acumulado. Uma bacia largada encima do telhado.

> **Sonora moradora não identificada –** Tem que cuidar. Tem que vigiar, entendeu? Porque, olha a que ponto que a gente chegou. Amanhã pode ser meu filho, entendeu?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

A narrativa televisiva procede a uma inserção no cotidiano familiar de Rafaela. As imagens gravadas pelo cinegrafista enquadram o quarto simples da menina, que estava sendo reformado pelo avô. As imagens também revelam a intimidade de Rafaela: as roupas novas compradas pela avó, a mochila rosa, a boneca e o uniforme escolar. ”Entre cada imagem e as grafias circundantes predomina um discurso de perda, morte e dor” (Coutinho, 2006, p.97). O modo como a repórter enuncia, as pausas e a entonação acentuam o tom dramático da narrativa. Segundo Patrick Charadeau, a televisão é o meio apropriado para se dramatizar o mundo. Ela é a mídia do visível e só pode proporcionar dois tipos de olhar. Um olhar de *transparência*, mais especificamente de ilusão de transparência, quando pretende desvelar, descobrir o oculto, mostrar o outro lado do espelho. E um olhar de *opacidade*, quando impõe sua própria semiologização do mundo, sua própria intriga e dramatização.

> Eis por que é particularmente apropriada para apresentar as cenas nas quais se desenrolam os dramas do mundo (através dos telejornais, das reportagens e das revistas, impressas ou televisionadas), aquelas em que se desdobram os conflitos de palavras entre o poder político e o poder civil (nas entrevistas e nos debates) e aquelas em que se desdobra a palavra da intimidade com efeito catártico (Charadeau, 2007, p.112).

Durante o momento em que a avó de Rafaela diz à repórter das saudades que sentirá da neta, ao lado dela se encontra a tia da menina, que chora enquanto apóia no colo um porta-retratos com a foto da sobrinha. Além dos pertences pessoais, a fotografia também testemunha a lembrança da personagem. No artigo "Álbum de Família", Muniz Sodré observa que "do noticiário jornalístico à atuação dramática, o discurso televisivo caracteriza-se por marcas de enunciação do cotidiano e da família. Por isso, o imaginário da casa penetra no fluxo de simulação televisiva da realidade" (Sodré, 1991, p.224). Os efeitos de montagem e dramatização, que no entender de Sodré (1972, p.61) tendem a deixar a mensagem mais interessante, buscam envolver "tanto telespectadores (para que, entre outros termos, não mude de canal), quanto entrevistados (que, talvez, sintam-se mais singularizados em sua dor)" (Lana, 2006, p.99-100).

O segundo off narrado pela repórter acentua o tom dramático da narrativa, ao mencionar que desde o dia 21 de março Rafaela "vinha lutando contra a doença". A narrativa também enquadra a menina e a família como vítimas do sistema de saúde tanto privado quanto público. No hospital particular, em um primeiro momento, constata-se a falta de um diagnóstico preciso por parte dos médicos, o que poderia ter impedido a morte da garota. Apenas em um segundo momento, quando, sem apresentar melhoras, Rafaela é novamente levada ao mesmo hospital pela mãe, é que o exame de sangue constata a doença, conforme a passagem da repórter.

A narrativa também aborda a precariedade do sistema público de saúde do município do Rio de Janeiro. Na passagem a repórter afirma que ao necessitar de uma Unidade de Tratamento Intensivo, a família só conseguiu vaga no Hospital Beneficência Portuguesa, em Niterói. Na seqüência, o caso de Rafaela é associado a outras experiências que atestam a falta de eficiência do sistema de saúde. Segundo o texto da repórter, por conta da lotação nos hospitais (as imagens mostram longas filas de espera), muitos moradores do Rio de Janeiro estão procurando atendimento fora da cidade. O texto destaca, ainda, que assim como Rafaela, outras pessoas que só conseguiram atendimento em Niterói também morreram vítimas da doença. Neste sentido, assim como a dramatização da morte, as narrativas do RJTV abordaram o drama das vítimas da doença para conseguir atendimento médico no município do Rio de Janeiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

2.5.2. A longa espera nos hospitais e a construção dramática dos sujeitos.

As narrativas analisadas acima estão repletas dos chamados *valores-notícia*, aspecto considerado fundamental na cultura profissional do jornalismo. Autores como Golding e Elliott (citados por Traquina, 2008, p.62) concebem os valores-notícia como um importante elemento de interação jornalística e que constituem referências claras e disponíveis a conhecimentos práticos sobre a natureza e os objetos das notícias, referências que podem ser utilizadas para facilitar a tarefa cotidiana de identificação e elaboração das notícias. Quanto mais uma ocorrência social estiver repleta destes valores, teoricamente mais chances ela possui de vir a ser transformada em notícia nos meios de comunicação.

Conforme observado, a "morte" (Traquina, 2005, 2008) (Silva, 2005) é um dos valores-notícia das narrativas precedentes. Além deste, podemos perceber claramente outro valor que também abordamos na análise, a saber, a "dramatização". Segundo Nelson Traquina, para autores como Ericson, Baranek e Chan, a noticiabilidade ou o potencial de uma ocorrência de ser tornada notícia, "depende também do reconhecimento de como um acontecimento pode ser visualizado como importante ou como indicação de um desenvolvimento dramático" (Traquina, 2008, p.74). Segundo os mesmos autores, estreitamente relacionado à dramatização está outro valor-notícia também bastante evidente nas narrativas que se antecederam e também nas que vamos analisar neste item da pesquisa. Trata-se do valor-notícia "personalização". Para eles, "os acontecimentos são retratados em termos de personalidades-chave envolvidas naquilo que transpirou" (Traquina, 2008, p.74).

Na segunda-feira, dia 31 de março, o RJTV apresentou uma matéria da repórter Bette Lucchese destacando as filas nos hospitais públicos do Rio de Janeiro e o sofrimento da população na espera por atendimento médico no fim de semana. Na narrativa, os dramas personalizados foram bastante evidenciados. A partir da reportagem, ao leitor é dado a ver um conjunto de pequenas histórias dramáticas ocorridas em hospitais e unidades de pronto atendimento do município, situados em bairros como Campo Grande, Jacarepaguá e Barra da Tijuca.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

A narrativa é iniciada com o tradicional *off* e destaca a espera do promotor de vendas Mário Bezerra da Silva por atendimento médico para o filho. "A espera com o pequeno Leonardo no colo foi de quatro horas", enuncia em off a repórter. O texto é coberto com imagens do pai segurando o filho e seguido por uma breve sonora de Mário, que se diz "sem palavras" diante da situação. A narrativa prossegue na visada de mostrar o desespero de Mário, que chega a quebrar o vidro de uma das portas do Hospital Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, porque o filho não conseguia ser atendido. O trecho é narrado em *off* e coberto com imagens da porta sem o vidro, de modo que o telespectador não tenha dúvidas da veracidade do está sendo narrado. "Imagens também dão credibilidade e força à notícia, sobretudo às denúncias" (Bistane e Bacellar, 2005, p.41). Próximo à porta depredada encontram-se dois policiais devidamente fardados e que provavelmente foram acionados no momento em que Mário cometeu o ato. A outra imagem que cobre o *off* da repórter é um *close-up* de 3 segundos nos rostos de Leonardo e Mário, que chora enquanto beija filho. Os planos fechados são "empáticos, emocionais ou intensos" (Dancyger, 2007, p.268), Em seguida, a sonora de Mário reforça o tom dramático da narrativa: "Eu como pai, o meu filho de um ano, doente. Mandam eu vir aqui hoje, no domingo, e não ter um pediatra no hospital. E mandar nós procurarmos outro hospital?"

No mesmo hospital, a repórter narra o drama de um menino de 6 anos que foi consultado na enfermaria dos adultos porque a pediatria estava lotada. O atendimento foi realizado por um médico anestesista que resolveu trabalhar no dia de folga. As calças escuras e a camisa azul denotam que o médico não usava os trajes característicos destes profissionais. Ele aparece sentado em um dos bancos do hospital, prescrevendo a receita e entregando-a à mãe do garoto. Nem a mãe nem o médico gravam depoimento. A narrativa é toda construída a partir do *off* da repórter. No decorrer da reportagem o viés dramático é confirmado e reforçado pela identificação das crianças como sendo as mais prejudicadas pela precariedade do atendimento médico-hospitalar. A passagem da repórter marca estes sentidos: "As crianças, novamente, foram as que mais sofreram na busca pelo atendimento. Na maioria dos hospitais da rede pública, a espera foi longa".

Na continuidade, a narrativa revela novas experiências caracterizadoras da precariedade do atendimento nos hospitais públicos do município do Rio de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Janeiro. O texto telejornalístico denota a falta de infra-estrutura das redes municipal, estadual e federal de saúde, bem como a incapacidade das instituições públicas em lidar com situações de epidemia. As experiências narradas são caracterizadas pelo drama cotidiano daqueles sujeitos que precisam recorrer à assistência médica gratuita. A narrativa é estruturada a partir do amálgama de pequenos fragmentos de experiências no que elas possuem de mais dramático.

> A imagem televisual é *a-contemplativa*, pois, para que a contemplação seja possível, é preciso que o objeto olhado se fixe ou se desdobre na espessura do tempo e que o sujeito que olha esteja livre para orientar o seu olhar. Ora, a televisão se inscreve numa sequenciação temporal breve, que se impõe à instância que olha, orientado-a em seu olhar sobre os dramas do mundo. Assim, pode-se dizer que a televisão cumpre um papel social e psíquico de reconhecimento de si através de um mundo que se faz visível (Charaudeau, 2007, p.112).

Na visada de revelar os dramas, a articulação entre o imagético e o verbal na narrativa buscam restringir as possibilidades de produção de sentidos sobre os acontecimentos narrados. Ao mencionar o caráter *a-contemplativo* da imagem televisual, Charaudeau observa que a forma como a narrativa televisiva é encadeada, numa "seqüência temporal breve" e que se "impõe à instância que olha", convenciona que o acontecimento seja compreendido a partir de um ponto de vista específico pelo telespectador, neste caso, a partir do drama. Assim, qualquer forma de produção de sentidos que extrapole aqueles pretendidos pelos enunciadores, como a fruição estética das imagens, por exemplo, parece estar comprometida. Por este viés, não apenas a articulação do icônico ao verbal restringe os sentidos, como também a estrutura mais ampla da narrativa.

> No jornalismo da TV Globo, pode-se dizer que o código visual é altamente repetitivo nas diferentes reportagens, marcando um estilo da emissora no uso desta linguagem. A fórmula *off-passagem-off-entrevista* é marca registrada. Isto sinaliza a sua função contextualizadora mas limitadora de uma representação mais abrangente das ações narradas. A fórmula permite ainda uma decodificação rápida e fácil por parte do telespectador (Mota, 2006, p.133).

Do Hospital Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, a narrativa transporta o telespectador para o Hospital Cardoso Fontes, em Jacarepaguá, de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

responsabilidade do Governo Federal. Em off, a repórter observa que neste a espera por atendimento chegou a durar oito horas. As imagens mostram a superlotação. Com um pequeno garoto no colo uma entrevistada, sem identificação nos créditos, conta que a criança só foi atendida depois que desmaiou. "Agora que eu fui ser atendida porque ele desmaiou aqui fora e, vomitando, com febre, não tava nem agüentando ficar em pé".

No Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, a consulta demorava três horas e o exame de sangue, mais três para ficar pronto, segundo *off* na seqüência. O *off* é seguido pela sonora da auxiliar de produção, Cirlene Nunes, que diz da situação no interior do hospital, onde, ao que tudo indica, a repórter não esteve presente. "Lá dentro não tem cadeira para sentar, os pacientes são atendidos em pé. Está muito cheio, precário, uma falta de respeito com o cidadão". Próximo ao hospital, na porta da Unidade de Pronto Atendimento de Campo Grande, onde foi montada uma das tendas de hidratação Governo do Estado, a equipe de reportagem filmou uma criança passando mal. Num primeiro momento a imagem do menino é gravada à distância pelo repórter cinematográfico. Na cena, a mãe aparece apoiando o filho que se encontra de pé, curvado para frente, e vomitando, ao que tudo indica.

Na seqüência, a repórter observa que mesmo vomitando e com outros sintomas da dengue, Paulo Roberto, de 7 anos, foi liberado pelos médicos, sem receber soro ou fazer exame de sangue. A próxima imagem a cobrir o off mostra que houve uma aproximação entre a equipe de reportagem e os entrevistados. Por alguns segundos, enquanto a repórter narra o texto, a câmera focaliza mãe e filho, um ao lado do outro, provavelmente a conversar com a repórter (que não aparece no momento). Com o braço direito apoiado sobre o ombro do filho, a mãe parece desolada. "Vou ter que procurar outro médico, outro hospital, sei lá. Eu tenho muito medo", diz, chorando, Janaína Nascimento. A narrativa encerra-se com um *close* no rosto da personagem real, que chora.

No dia 9 de abril o RJTV, exibiu uma reportagem de Rafael Lisboa e do cinegrafista Carlos Trinta que também pode ser caracterizada pela dramatização das experiências de usuários dos serviços públicos de saúde no Rio de Janeiro, durante a epidemia de dengue. A matéria é iniciada em off. A primeira imagem a cobrir o texto verbal é da placa indicando que aquele é o "Posto de Saúde Mário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Rodrigues Cid". Na placa, abaixo do nome do posto está inscrito o texto "24 horas". Apesar de funcionar dia e noite, o repórter informa que quem havia procurado a unidade na tarde do dia anterior, quando a reportagem foi gravada, não encontrou atendimento. "Não tem pediatra", confirma uma entrevistada que carregava um bebê no colo.

A narrativa dos repórteres é construída, essencialmente, em torno da história de dona Noemi, mãe que peregrinou pelas ruas do Rio de Janeiro em busca de atendimento médico para o filho que estava com suspeita de dengue. A primeira tentativa foi no Posto de Saúde Mário Rodrigues Cid, onde não conseguiu ser atendida. "O meu filho já está com três dias de febre e trouxe aqui agora, não tem médico. Impossível, um posto 24 horas e não ter um pediatra". A narrativa prossegue e assim como a reportagem analisada anteriormente, o olhar jornalístico direciona-se para as crianças e os dramas vividos por seus pais ou responsáveis. Tal como dona Noemi, outros sujeitos representados na trama textual passam pelo mesmo drama.

> **Off repórter Rafael Lisboa** - As horas passavam e a agonia aumentava. Deitadas no banco, no colo das mães, as crianças choravam e os adultos se desesperavam com a demora.
>
> **Sonora não identificada –** A criança morre aqui e ninguém socorre ninguém meu irmão.
>
> **Repórter Rafael Lisboa –** Tá passando mal?
>
> **Sonora não identificada –** Tá passando mal ele. Vomitou tudo ali agora.

As imagens casadas aos enunciados acima confirmam o texto. Se a reportagem havia sido iniciada à luz do dia, o ambiente das cenas mostra que realmente algum tempo se passou, pois já é noite e o posto de saúde continua cheio de pessoas à espera de atendimento. As imagens mostram bebês de colo, famílias sentadas nos bancos, crianças passando mal e uma adolescente em cujo rosto está estampada a exaustão de longas horas de espera. Mais uma vez a narrativa revela a precariedade dos serviços públicos de saúde no município do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Rio de Janeiro, tendência que se acentua no decorrer da reportagem. O que este conjunto de narrativas nos parece mostrar é que um dos vieses abordados pelo RJTV na cobertura da dengue no Rio buscou revelar histórias dramáticas de gente comum ou do "homem ordinário" (Certeau, 2003). "Promover uma imagem ou uma informação é destacar do real uma superfície, um simulacro (na linguagem estóica da percepção) que vêm à frente com relação a um fundo sem imagem" (Mouillaud, 2002, p.37).

Na seqüência narrativa os repórteres acompanham dona Noemi que a partir da piora no estado de saúde do filho, decide procurar ajuda em outros lugares. O texto televisivo mostra a peregrinação da dona de casa pelas ruas do Rio de Janeiro na procura de atendimento especializado para o filho. Uma das imagens mostra dona Noemi atravessando uma avenida escura, com a criança no colo. Além de ser noite, chovia no momento. Na seqüência, a dona de casa aparece no ônibus, suspendendo o filho pelos braços para que passe na roleta sem pagar a passagem. O próximo destino da personagem da história real é o Hospital Estadual Pedro II, em Santa Cruz.

Ao chegar ela se depara com o hospital lotado e caminha com o filho no colo até o setor de atendimento, onde havia um conjunto de pessoas que pareciam passar pelos mesmos problemas que ela. A informação que recebe é de que também ali não havia pediatra. Provavelmente é indagada pelo repórter sobre o que faria então, se continuaria a peregrinação ou se desistiria.

> **Dona Noemi –** Uai, agora eu vou em casa e dar um medicamento a ele, porque precisa dar um medicamento ué! Porque ele está com febre, ué. Não é questão de desistência. Estou com o filho nos braços, na mão, com febre, eu tenho que medicar ele.

Ao fim da narrativa, o objetivo de dona Noemi é alcançado. "Depois de quase cinco horas de peregrinação, os dois finalmente conseguiram ser recebidos pelo médico", informa em *off* Rafael Lisboa. Na madrugada a equipe de reportagem do RJTV voltou ao posto de saúde Mário Rodrigues Cid e constatou que o movimento era bem mais tranqüilo. A imagem da sala de espera vazia mostra que "ninguém esperava por atendimento". Aquele que foi o primeiro é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

também o último cenário da narrativa. Cinegrafista e repórter gravam ali o encerramento da matéria.

> **Repórter Rafael Lisboa (encerramento)** – Segundo funcionários que trabalham no posto, a situação começou a se normalizar depois das 19h, quando dois médicos pediatras e um clínico geral chegaram e realizaram, até o fim da madrugada, mais de 120 atendimentos.

2.5.3. Os bons exemplos

Além da narrativização de casos dramáticos vividos pelo sujeito comum, quase sempre representado como vítima do sistema de saúde, o RJTV destaca do universo das experiências às quais ele tem acesso um conjunto de bons exemplos. São fatos e histórias vividas pelos moradores da cidade, especialmente da periferia, que são construídas como experiências-modelo. Uma reportagem veiculada dia 11 de abril de 2008 é representativa desta abordagem do telejornal. A partir das notas dos locutores podemos perceber claramente a orientação editorial do RJTV para o viés positivo.

> **Apresentador Márcio Gomes –** E o RJ tem mostrado aqui diariamente, você tem acompanhado isso com a gente: imagens de depósitos, lagos, reservatórios onde há água acumulada e possíveis focos do mosquito Aedes aegypti[43].

> **Apresentadora Renata Capucci –** Márcio, mas hoje a gente também vai mostrar uma iniciativa dos moradores do Grajaú. Pra diminuir os efeitos dessa epidemia, é fundamental que os bons exemplos sejam seguidos.

Na seqüência, a reportagem de Suzana Naspollini destaca o bom exemplo de moradores de uma das ruas do bairro Grajaú. O personagem principal da história contata pela repórter é Sr. Cléber, morador antigo da rua.

[43] Outra abordagem muito usada no telejornal fica evidente no enunciado de Márcio Gomes. Trata-se da já mencionada vigilância do RJTV sobre os espaços da cidade, destacando-se aqueles em que os jornalistas consideram como locais potenciais para proliferação do mosquito Aedes aegypti. Esta questão será analisada com mais detalhes na próxima seção da pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Off 1 repórter Suzana Naspolini – Perto do gasômetro, em São Cristóvão, um hospital, o Frei Antônio, esconde a ameaça num chafariz desligado. Na Quinta da Boa Vista, dois lagos também pode abrigar larvas. Ao lado da Linha Vermelha, na Ilha do Fundão, o risco de focos está neste depósito do Batalhão de Infantaria Blindada. Carcaças de veículos mantêm a água acumulada. Perto dali, um caminhão despeja pneus velhos em um terreno, sem qualquer cuidado. No alto dos prédios, na Lagoa e no Jardim Botânico, zona sul da cidade, as piscinas parecem abandonadas.

Passagem repórter Suzana Naspolini – Enquanto algumas pessoas ainda tratam este assunto com desleixo, com o desrespeito que vocês viram aí nas imagens, outros moradores do Rio dão um bom exemplo. É o caso de quem vive aqui, nesta rua no Grajaú. Eles se uniram, chamaram a Defesa Civil e entraram nessa briga contra o mosquito da dengue.

Off 2 repórter Suzana Naspolini – Os homens da Defesa Civil vieram a pedido de seu Cléber, morador antigo da rua.

Sobe-som agente Defesa Civil – Bom dia seu Cléber!

Sobe-som seu Cléber – Bom dia!

Sobe-som agente Defesa Civil – Tudo bom com o senhor? Viemos trazer mais material pro senhor.

Sobe-som seu Cléber – Oh, que bom!

Off 3 repórter Suzana Naspolini – E com o material nas mãos, lá vai ele conversar com os vizinhos.

Sobe-som seu Cléber – Nós estamos aqui no combate à dengue, e temos que multiplicar.

Off 4 repórter Suzana Naspolini – Dona Edith faz questão de mostrar que está fazendo a parte dela.

Sonora dona Edith – Eu procuro secar esse minúsculo pedacinho aqui que contêm água, pra evitar proliferação do mosquito, né?

Repórter Suzana Naspolini – Nada escapa, né?

Sonora dona Edith – Ah, nada escapa! To de olho vivo em tudo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Off repórter Suzana Naspolini – Aos poucos a caminhada solitária de seu Cléber ganha novos combatentes.

Repórter Suzana Naspolini – Tá fazendo a sua parte?

Sonora moradora não identificada – Com certeza! Cada um tem que fazer a sua. Porque quem vai sofrer somos nós. Cuidar da cidade como se a gente cuidasse do nosso próprio corpo.

Para contar as histórias exemplares, a narrativa de Suzana Naspollini parte dos maus exemplos. Nesta lógica, o primeiro off da repórter é coberto por imagens aéreas gravadas do Globocop, que evidenciam pontos do espaço urbano que podem funcionar como acumuladores de água e como ambientes propícios à proliferação do mosquito. São vários os espaços tecidos pela narrativa a partir desta lógica: do bairro São Cristóvão o texto transporta o telespectador para a Quinta da Boa Vista, dali para a Ilha do Fundão até chegar à zona sul da cidade, na Lagoa e no Jardim Botânico. Neste sentido, torna-se clara a noção de "ubiqüidade" que o noticiário busca comunicar. Nada escapa ao olhar vigilante do telejornal, que visualiza, do alto, vários espaços da cidade, oferecendo-os à contemplação do telespectador.

Na seqüência se constata que a narrativa é essencialmente construída a partir dos personagens, sendo Sr. Cléber o principal deles. "No jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias. Os designantes das personagens, tais como nomes, identificadores e co-referências devem ser particularmente observados" (Motta, 2007, p.152). Apesar de dois dos personagens serem chamados pelo nome pela repórter, em nenhuma das sonoras há destaque dos entrevistados nos créditos. Os depoimentos são curtos e servem bem aos propósitos da narrativa. "A personagem constitui uma construção não apenas do texto, mas igualmente uma reconstrução do receptor", observa Motta (2007, p.153).

Respeitadas as particularidades do gênero panorâmico impresso do século XIX, ao qual nos referimos no primeiro capítulo da pesquisa, é possível notar semelhanças com o texto televisivo em destaque. Por um lado, assim como no primeiro caso, constata-se neste texto telejornalístico a concentração de um máximo de informação em um mínimo de tempo. A narrativa mostra vários

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

espaços, localizados em pontos distintos da cidade, sem caracterizar profundamente nenhum deles. Além dos diversos espaços narrados, três personagens "personificam" a narrativa contada pela repórter, que dura cerca de um minuto e trinta segundos.

A partir do enunciado do agente da Defesa Civil – "Viemos trazer mais material pro senhor" – é possível perceber que aquela não é a primeira vez que Sr. Cléber se utiliza de materiais de campanha para auxiliá-lo no projeto de conscientização dos moradores sobre a epidemia de dengue. A narrativa simula a "rotina", constrói o movimento do personagem, que circula pela rua onde mora, conversa com vizinhos e distribui panfletos informativos. Sr Cléber e os demais personagens são representados como os cidadãos do Rio de Janeiro que fazem a parte deles, no nível micro, no local onde moram. No sentido em que propomos, a construção dos personagens revela menos as características reais das pessoas representadas do que os princípios de um modelo de vida social, dos requisitos de um conjunto de expectativas de comportamento às quais os indivíduos e grupos devem se submeter. Assim, o telejornalismo (e o RJTV) se configura como um fenômeno comunicativo que "dialoga profundamente com valores socialmente compartilhados, identificando-os como elementos relevantes a serem considerados nas construções de suas mensagens" (Rocha e Silva, 2007, p.02).

Assim como o telejornal procedeu no caso dos agentes das Forças Armadas, neste caso os moradores também são caracterizados como "combatentes" da "guerra contra a dengue". "Aos poucos a caminhada solitária de seu Cléber ganha novos combatentes", narra a repórter.

O tratamento de "combatentes" também foi dado às crianças de uma escola pública da Tijuca, em uma matéria da mesma repórter veiculada dia 15 de abril de 2008[44]. A narrativa foi ao ar em um momento em que a epidemia começava a perder força, conforme observou o epidemiologista da UFRJ, Roberto Medronho, em sonora trazida pela matéria. Contudo, a ênfase dada pelo professor e pela narrativa como um todo foi para a importância de se continuar o trabalho de prevenção, de modo a evitar mais óbitos. Abaixo, o trecho da reportagem em que as crianças estão representadas.

[44] As imagens foram dos cinegrafistas Hélio dos Santos e Ruy Silva

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Apresentador Márcio Gomes – E um bom exemplo do trabalho que todos nós temos que fazer, sem descanso, vem da zona norte do Rio. O combate à dengue foi o tema da aula de hoje numa escola, como mostra a repórter Susana Naspolini.

Off repórter Susana Naspolini – Garrafas e baldes virados pra cima, lixo descoberto e pratinhos de plantas com água parada. Tudo o que o mosquito da dengue quer para se reproduzir com tranqüilidade. Até que chega este batalhão de pequenos fiscais para acabar com a festa.

Sobe-som – Combater o pernilongo (...) (música).

Off repórter Susana Naspollini – Eles olham tudo, cada cantinho.

Sobe-som professora – Potinho de planta, nada de água parada. Vamos encher de terra.

Passagem repórter Suzana Naspollini – Na verdade, esta é uma aula dada para crianças de 3 a 6 anos nesta escola da Tijuca. A dengue virou matéria escolar. Todo trabalho é acompanhado pelos professores, e os alunos contam que a aula não termina aqui não, ela continua, só que em casa.

Sonora criança Daniel Fonseca, 6 anos – Eu falei com meu pai, com minha mãe, no quintal, que eu tirei água.

Sonora professora Tânia Regina Damásio – Eles tão levando isso pra casa e ensinando à família como eles vão atuar nesse dia-a-dia, né? Olhando a varanda, indo até o quintal quando chove.

Assim como na primeira narrativa que destacamos na seção, nesta também é nítido o enquadramento pelo bom exemplo dado pela população da cidade do Rio de Janeiro, neste caso os professores e principalmente as crianças de uma escola da Tijuca. Na narrativa verificamos a já mencionada "natureza metafórica do discurso midiático" (Rodrigues, 2002), que lança mão de palavras como "batalhão" e "combate", que nos remetem ao discurso militar. "É precisamente esta aptidão para contaminar as outras modalidades de discurso e para se deixar por elas contaminar que confere ao discurso midiático as características que o possibilitam exercer as suas funções de mediação" (Rodrigues, 2002, p.219).

Nas imagens gravadas pelos cinegrafistas, o "batalhão de pequenos fiscais" de que nos fala a repórter se apresenta uniformizado e disposto em fila. À frente da fila está a professora, que junto às crianças entoa uma música cujo tema

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

é a dengue, enquanto realiza gestos que são acompanhados pelas crianças, que se divertem e sorriem. “Combater o pernilongo”, eis o trecho da música que é possível compreender a partir do áudio captado pela câmera. Algumas das crianças seguram cartazes, em que se encontram inscritas imagens que denotam o combate à dengue. Um deles traz a representação do mosquito Aedes aegypti, com um círculo vermelho, cortado. No sentido proposto por Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995), o combate à dengue é tratado como “palavra de ordem” tanto no telejornal quanto na escola. Escrevem os autores:

> A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela “ensigna”, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a conseqüência de informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc.). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem (Deleuze e Guattari, 1995, p. 11-12).

No entanto, a narrativa também nos diz de uma aula que se propõem mais complexa. Diferente de uma aula tradicional, dada em sala com quadro e giz, a aula representada na narrativa se passa no pátio da escola, que se encontra repleto de vasos de plantas e de jardins, numa relação mais próxima do casamento entre a teoria e a prática do ensino e do mesclar do homem à natureza. Nas imagens, uma das professoras encontra-se agachada durante a aula, mesma posição em que se encontra um grupo de alunos. Deste modo, se por um lado a criança é representada como sendo alvo do conhecimento transmitido pelo professor, o que caracteriza a perspectiva tradicional da Educação, por outro a narrativa constrói a capacidade de agência da criança. Ela é representada também como portadora de um conhecimento, sendo capaz de reproduzi-lo para a família e coloca-lo em prática em casa, como se pode perceber a partir dos depoimentos do garoto Daniel e da professora Tânia acima reproduzidos.

Elemento comum das duas narrativas que analisamos nesta seção é o mau exemplo como ponto de partida das matérias, o que evidencia o diálogo do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

jornalismo com os valores da sociedade. No segundo caso, os baldes e garrafas virados para cima, o lixo descoberto e os pratos de plantas com água parada, narrados no texto verbal da repórter e mostrados nas imagens, denotam o que não deve ser seguido. Na primeira narrativa, o mau exemplo se encontra representado em diferentes pontos do espaço geográfico da cidade que funcionam como acumuladores de água, o que segundo o telejornal significa o descaso de algumas pessoas diante da situação crítica do estado e município.

O narrar casos que fogem às regras e valores sociais, assim como o narrar os bons exemplos dados pela população da cidade, também se configura como um dos enquadramentos do RJTV nas narrativas da dengue. Na próxima seção vamos analisar esta abordagem do telejornal em narrativas produzidas a partir da vigilância dos espaços da cidade via Globocop, o helicóptero do RJTV usado na cobertura do cotidiano urbano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

2.6. Espaços televigiados.

A partir da questão – "o que é uma transmissão direta na televisão?" – Yvana Fechine (2008) observa que existem muitos caminhos teóricos para respondê-la. Em nenhum deles, porém, se pode fugir à constatação de que a transmissão direta é, antes de mais nada, um fato técnico. "Trata-se de uma operação que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo" (Fechine, 2008, p.26). Interessante destacar aqui as palavras de Eric Landowski, no prefácio do livro "Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta" (Fechine, 2008), nossa principal referência teórica nesta seção da pesquisa. Escreve Landowski.

> Antes de depender transitivamente de determinados conteúdos transmitidos, o sentido da transmissão reside então, reflexivamente, na própria performance da transmissão *se fazendo*. O papel televisual do jornalista não é, portanto, somente um papel de *apresentação*, mas também de *presentificação*. Ele constrói um aqui-agora que inclui o espectador no presente do acontecendo (Landowski, 2008, p.08) – grifo do autor.

A citação de Landowski nos remete à análise realizada por Oliver Fahle (2006) acerca do choque de modernização na televisão da Europa Ocidental e da América no Norte, a saber, a transição da *paleo* à *neo-televisão* dos anos 80, termos cunhados pelo autor italiano Umberto Eco (1984). Segundo Fahle, esta ruptura também pode ser concebida como ponto de transição entre a televisão clássica e a televisão moderna e que não apenas se realizou nos planos técnico, econômico e institucional, mas também e, sobretudo, no plano estético. A partir do estudo de Casetti/Odin, Fahle aponta algumas das características básicas destes dois modelos de televisão[45]. Escreve o autor.

> A paleo-televisão representava uma relação hierárquica de comunicação entre os produtores e os usuários dos programas, enquanto a neotelevisão se apresenta através de uma relação de proximidade e intercâmbio aparentemente desierarquizado. Consequentemente, a paleo-televisão era um espaço de formação não de evento, como no caso da neo-televisão. Ela tinha uma temporalidade própria, enquanto a neo-televisão se adapta ao tempo do dia-a-dia, isto é, ao dia de 24 horas. A paleo-televisão correspondia a um programa estruturado, a neo-televisão recusa qualquer forma vetorizada de comunicação, procurando diversas formas de interação. A paleo-televisão se dirigia ao coletivo, a neo-televisão, na melhor das hipóteses, a grupos. A paleo-televisão possuía um contrato de comunicação pelo menos implícito, a neo-televisão substituiu o contrato pelo mero contato (Fahle, 2006, p.194).

Na terceira categoria vamos analisar transmissões diretas, ao vivo, realizadas pelos repórteres do RJTV a partir do Globocop, helicóptero usado nas coberturas do telejornal sobre acontecimentos da cidade. Os apontamentos de Landowski e de Oliver Fahle nos parecem significativos para a compreensão destas transmissões, particularmente das duas narrativas televisionadas que constituirão objeto de nossa análise. O olhar para as narrativas a partir do aporte teórico dos autores nos fornece pistas para visualizar nestes textos televisionados uma característica da neotelevisão falada diretamente por Fahle e, indiretamente, por Landowski.

Landowski nos diz que o papel do jornalista não é somente o de *apresentação*, mas também o de *presentificação*. O jornalista constrói um aqui agora que inclui o telespectador no presente do acontecendo. Se cruzarmos estes apontamentos com as características da neotevê observadas por Fahle, podemos

[45] Ao analisar o estudo de Casetti/Odin, Oliver Fahle (2006) observa que, surpreendentemente, os autores não mencionam Umberto Eco.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

perceber que este é um dos aspectos responsáveis por amenizar a relação hierárquica de comunicação entre produtores e usuários dos programas (que caracteriza mais diretamente a paleotevê), produzindo uma relação de proximidade e intercâmbio aparentemente mais desierarquizada (típico da neotevê).

2.6.1. Televigilância direta: em busca dos criadouros do mosquito

A cobertura do RJTV 1ª edição sobre o tema da dengue foi fortemente caracterizada pelo efeito da vigilância do telejornal sobre os espaços da cidade, especialmente na busca por locais que pudessem acumular água e funcionar como criadouros para o mosquito transmissor da doença, o *Aedys aegypti*. Segundo Yvana Fechine (2006, 2008), pela possibilidade de estabelecer uma correspondência entre a duração do discurso da TV e do mundo, muitos telejornais assuem o exercício de vigilância sobre a cidade como uma de suas atribuições. Para a autora, a *presença* é condição essencial a este exercício de vigilância. Especialmente entre os telejornais locais como o RJTV 1ª edição, uma estratégia freqüente para a produção de um "estar aí" é a manutenção de *links* em helicópteros, que nos programas jornalísticos da Rede Globo são chamados de Globocops. "Em inglês, *cop* é a abreviatura *de copper* que significa policial. Propositadamente ou não, a escolha desse nome não poderia ser mais adequada para helicópteros que desempenham, nos telejornais da Globo, esse papel explícito de vigilância" (Fechine, 2006, p.147).

Na segunda-feira dia 31 de março de 2008, a repórter Mariana Gross, em uma de suas três entradas ao vivo do Globocop na edição do dia, "denuncia" um potencial foco propulsor do mosquito na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade. Apesar de curta, a inserção é significativa para problematizar a questão em análise. O apresentador Márcio Gomes é quem chama a repórter.

> **Apresentador Márcio Gomes:** E neste momento, meio dia e onze, a repórter Mariana Gross está chamando para mais uma informação importante, direto do Globocop. Vamos até ela. Mariana é com você!.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> **Repórter Mariana Gross**: Márcio, olha, nós estamos ainda na Barra da Tijuca e do alto é muito mais fácil flagrar descasos, pontos onde ainda há descaso em relação ao Aedys Aegypti. Estamos sobrevoando agora a antiga Vila Pan-americana (...). Nesse terreno em frente à vila, olha só o que a gente encontrou. Buracos cheios d´água. As obras terminaram e restaram então estes buracos (...) locais onde os mosquitos podem proliferar sem ser incomodados...
>
> **Apresentadora Renata Capucci:** Inacreditável que em plena epidemia a gente continua a ver essas imagens né? As filas nos hospitais vão continuar aumentando assim.
>
> **Apresentador Márcio Gomes:** "Excelente alerta da Mariana!".

Podemos analisar os enunciados dos apresentadores e da repórter reproduzidos acima a partir de diversos pontos de vista. O primeiro aspecto a ser destacado diz respeito à temporalidade da narrativa, mais especificamente à "atualidade" e ao imediatismo" que caracterizam o enunciado e o próprio jornalismo de televisão. O apresentador Márcio Gomes enfatiza o momento, o instante – "meio dia e onze" – valorizando o telejornal enquanto dispositivo privilegiado de enunciação. Estes elementos, no entender de Gerard Imbert, caracterizam a neotelevisão[46] como o império do atual. Para o autor,

> O aqui agora é o que impera na relação com o mundo, a atualidade é o que ordena a visão deste: o hoje, com tudo que tem de relativo, frágil, fugidio e mutável, é o que determina todas as categorias. Há um imperialismo do presente que tem seu reflexo no próprio meio, em sua estrutura narrativa, na fragmentação do discurso televisivo, no *imagem a imagem* que é a informação hoje em dia: o flash informativo (igual ao spot publicitário), a estrutura seqüencial do telejornal com seu timing recortado, as entrevistas nas ruas... (Imbert citado por Leal e Valle, 2008, p.05).

Segundo Leal e Valle (2008), Imbért entende por atualidade um presente estendido, que não cria nem passado nem futuro e que é distante do tempo histórico. A partir do argumento de Imbért, os autores observam que a redução da espessura histórica do tempo advém da opção televisiva pelo "ao vivo", de fato ou como efeito, em que a realidade surge como "instantânea" e "imediata". Neste sentido, o "atual" surge como um tempo típico da neotevê, pois, "mais importante

[46] O termo *neotevê* ou *neotelevisão* foi cunhado pelo autor italiano Umberto Eco. Na próxima categoria (A campanha) caracterizaremos brevemente o conceito.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

que o tempo dos acontecimentos, é o presente do contato com o espectador que predomina na matéria" (Leal e Valle, 2008, p.05).

Beatriz Becker (2004) também nos diz da comunicação televisiva "ao vivo". De acordo com a autora, a transmissão ao vivo no telejornal comunica ao telespectador a sensação de "ubiqüidade instantânea", fazendo com que ele vivencie um suspense real, "já que tudo passa a ser imprevisível, e o fato ganha ainda mais importância e conteúdo" (Becker, 2004, p.76). Por causa do imediatismo que caracteriza a narrativa em análise, a sensação que se tem é que nem o próprio apresentador sabe exatamente qual informação será trazida pela repórter, ainda que de fato exista uma editorial para que o *Globocop* sobrevoasse a cidade à procura dos espaços que pudessem funcionar como criadouros para o mosquito. Uma interpretação possível de ser feita é a de que os apresentadores conhecem a notícia junto com o telespectador, no momento em que o repórter noticia o fato. Neste sentido, os enunciadores (apresentadores) tornam-se também espectadores da notícia, distanciando-se da idéia de que são sujeitos absolutos da notícia e do conhecimento. "Neste espaço, a proximidade estabelecida entre estes sujeitos minimiza a diferença entre eles" (Leal e Valle, 2008, p.08).

Podemos observar também a transição de ambientes no trecho narrativo selecionado: do estúdio (interno) para o Globocop (externo) e deste para o estúdio novamente. Ao transitar do interno e da "assepsia" do estúdio para o externo do helicóptero, a narrativa televisual reforça a presença e a vigilância sobre a cidade. Na transição é notório o "silêncio" artificial do estúdio em contraposição ao ruído do motor que confere movimento às hélices do helicóptero.

Ao estar disposta no Globocop, Mariana Gross visualiza parte da cidade do Rio de Janeiro do alto, conforme ela mesma enuncia. Segundo a repórter, trata-se de uma posição privilegiada uma vez que a possibilita flagrar descasos com relação à cidade que seriam mais difíceis de ser mostrados sem a ajuda do helicóptero. Aqui, o helicóptero e os equipamentos técnicos (a câmera) são elementos importantes na narrativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> Lembremos que a imagem é suscetível de produzir três tipos de efeitos: um efeito de realidade, quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um efeito de ficção, quando tende a representar de maneira analógica um acontecimento que já passou (reconstituição); um efeito de verdade, quando torna visível o que não era a olho nu (mapas, gráficos, macro e micro tomadas de imagem em *close-up*, que, ao mesmo tempo, desrealizam e fazem penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos) (Charaudeau, 2007, p.110-111).

No dia seguinte, 01 de abril de 2008, a repórter Mila Burns também realiza uma participação ao vivo do Globocop, com características semelhantes às que analisamos anteriormente. Abaixo, a seqüência das notas dos locutores e da repórter.

> **Nota locutor Renata Capucci –** Agora, meio dia e nove minutos. A repórter Mila Burns sobrevoa o Rio no Globocop e acaba de encontrar mais uma situação preocupante nesta época de epidemia. Vamos falar com ela ao vivo. Mila, boa tarde! O que você mostra pra gente?

> **Repórter Mila Burns –** Boa tarde, Renata! Boa tarde a todos! Nós estamos sobrevoando a Avenida Brasil, na altura de Benfica, e olha só o que a gente encontrou por aqui, na Rua Prefeito Olimpo de Melo: um banquete pro mosquito da dengue. A gente cansa de avisar aqui no RJ, as autoridades alertam que apenas um potinho de água parada pode ser um criadouro do Aedes aegypti, imagine isto! Trata-se da sede de uma metalúrgica que foi abandonada e fica em uma área cercada de casas por onde passam milhares de pessoas todos os dias. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o fato vai ser encaminhado ao Centro de Operações, coordenado pela Defesa Civil Municipal, que vai averiguar a denúncia. E ontem a gente mostrou aqui no RJ que havia poças d´água na Vila do Pan. Hoje de manhã a força tarefa do Corpo de Bombeiros esteve lá. Nós voltamos ao estúdio, Hélter e Renata.

> **Nota locutor Hélter Duarte –** Obrigado Mila! É incrível né, que com tantas mortes a gente ainda veja situações assim como essa.

> **Nota locutor Renata Capucci –** Descaso!

A narrativa está permeada de elementos semelhantes àqueles que destacamos na narrativa analisada anteriormente. Em primeiro lugar, o texto tem o atual como ponto de partida – "agora, meio dia e nove minutos" – conforme enuncia a apresentadora Renata Capucci. O enunciado reveste-se do "imediatismo" que autores identificam como um importante princípio discursivo do telejornalismo (Imbért citado por Leal e Valle, 2008) (Becker, 2004). Ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

mesmo tempo, os apresentadores valorizam o dispositivo televisivo, evidenciando algumas de suas características tais como a capacidade de fazer-se ao vivo e de comunicar por meio de imagens. “O que você mostra pra gente?”, questiona a apresentadora à repórter. Segundo Arlindo Machado (2003), a transmissão ao vivo talvez seja a que marca mais profundamente a experiência da televisão. O autor observa que “a televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o seu traço mais importante dentro do universo do audiovisual “ (Machado, 2003, p.125).

A partir da narrativa da repórter e dos recursos óticos da câmera, ao telespectador é dado a ver a “situação preocupante” ou o “descaso” de que nos falam os enunciadores. Em um primeiro momento a imagem se apresenta em plano aberto. No canto direito inferior da tela encontra-se a logomarca da Rede Globo, com o enunciado “ao vivo” acima da logo. Bem no centro da imagem visualiza-se um enorme galpão cercado por vias e por um aglomerado de casas simples, o que comprova o texto verbal. À medida que a câmera aproxima a imagem, visualiza-se com detalhes a laje da fábrica e verifica-se vários locais que funcionam como grandes recipientes acumulares de água parada. “Com a transmissão direta de imagens e sons, a TV realiza sua obra jornalística máxima. Permite ao telespectador testemunhar um fato como se estivesse presente no local” (Rezende, 2000, p.73).

No enunciado também se constata o tom de “denúncia” e o papel de vigilância ao qual o telejornal se atribui. Como a própria repórter enuncia, em resposta ao telejornal, a Secretaria Municipal de Saúde encaminhará a questão ao Centro de Operações, coordenado pela Defesa Civil Municipal, que vai “averiguar a denúncia”. Mila Burns se remete, ainda, à “denúncia” feita pelo RJTV no dia anterior (narrativa 1), sobre as poças d´água na Vila do Pan. O efeito gerado pela denúncia foi a visita do Corpo de Bombeiros ao local. Segundo Ivana Fechine, o Globocop propõe ostensivamente um sentido de presença do telejornal no “mundo”, neste caso, na cidade do Rio de Janeiro. “O sentido de presença próprio da vigilância, comparável, em certa medida, àquele produzido pelas câmeras de monitoramento interno instaladas em locais públicos, como aeroportos e metrôs” (Fechine, 2008, p.229).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Em ambas as narrativas analisadas se verificam comentários dos apresentadores, tais como: "Inacreditável que em plena epidemia a gente continua a ver essas imagens né?" (Renata Capucci); "É incrível né, que com tantas mortes a gente ainda veja situações assim como essa" (Hélter Duarte); "Descaso" (Renata Capucci). Neste sentido, na esteira de Raymond Williams, Itânia Gomes (2007) observa que a televisão é, ao mesmo tempo, uma tecnologia e uma forma cultural, e o jornalismo, uma instituição social, que no nosso entender dialoga profundamente com os valores e normas socialmente compartilhados. Do mesmo modo, as narrativas jornalísticas (e também as literárias, históricas) "criam significações sociais, são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, conformam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a sociedade inteira" (Motta citado por Mota, 2006, p.130).

Ao mesmo tempo, as narrativas que analisamos indicam uma tendência comum no jornalismo de televisão que é o falar de si mesmo. Na primeira narrativa, por exemplo, o apresentador Márcio Gomes valoriza a repórter, ao enunciar: "excelente alerta da Mariana". Na seqüência da segunda narrativa, após o enunciado – "descaso" – proferido por Renata Capucci, o apresentador Hélter Duarte ressalta o importante serviço desempenhado pelos repórteres do RJTV.

> **Nota locutor Hélter Duarte –** Bem, tá aí. Nossos repórteres alertam a cidade pra ajudar a acabar com focos da dengue. E a campanha de doação de sangue da Globo com autoridades de saúde segue com grande adesão dos moradores do Rio. Este sim, um belo exemplo de solidariedade!

Esta característica típica da TV, o falar de si, nos conduz à nossa próxima categoria de análise: a Campanha "Todos juntos contra a dengue".

2.7. A Campanha "Todos juntos contra a dengue".

A quarta categoria que vamos analisar neste capítulo diz respeito à campanha "Todos juntos contra a dengue", promovida pela Rede Globo em parceria com autoridades de saúde para estimular a população do Rio de Janeiro a doar sangue. A campanha foi objeto de grande destaque na cobertura da epidemia

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

de dengue no telejornal e configura-se como mais um sinal da relevância jornalística conferida à temática.

A promoção de campanhas relacionadas à cidade do Rio de Janeiro é algo que diz da cultura do RJTV. Em dissertação de mestrado, Taiga Gomes (2007) observa que em 2000 aconteceu uma acalorada discussão na cidade em torno do tema do meio ambiente, por causa do vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo na Bahia de Guanabara, em janeiro daquele ano. Segundo a autora, o desastre ambiental, causado pela Petrobras, deflagrou debates em torno do assunto e o "RJTV se incumbiu de virar a arena da polêmica e ser o impulsionador de uma grande campanha pela despoluição da Baía" (Gomes, 2007, p.54)[47].

O tratamento jornalístico dado à campanha foi caracterizado por participações ao vivo dos repórteres, que diariamente acompanhavam um dos ônibus do Hemorio, que funcionavam como postos móveis de coleta de sangue, posicionando-se em locais estratégicos da cidade do Rio de Janeiro e de municípios da Baixada Fluminense. Nestas inserções, cotidianamente os repórteres entrevistavam artistas famosos que eram convidados pela emissora a doar sangue e a incentivar a população do Rio de Janeiro a doar. Alguns deles, por motivos de saúde ou por não se enquadrarem nos pré-requisitos para doação, mesmo sem doar concediam entrevistas e convidavam as pessoas a assumirem este "gesto de solidariedade".

Acompanhando a cobertura ao vivo, na composição do tratamento jornalístico dado à campanha, em algumas edições eram veiculadas matérias gravadas, que destacavam bons exemplos de pessoas comuns que doavam sangue e diziam da importância do ato. Outra característica que merece ser observada na cobertura é o fato de que ao mesmo tempo em que o RJTV busca promover benefícios à cidade do Rio de Janeiro e aos seus moradores por meio da campanha, o planejamento de cobertura a ela destinado tendeu, especialmente, a

[47] Outro exemplo é a campanha "Seja Carioca", lançada em primeiro de março de 2008 por ocasião das comemorações dos 443 anos de aniversário do Rio de Janeiro. A proposta era de que os moradores firmassem compromisso com a cidade por meio de votação em urnas espalhadas pela cidade ou através do *site* do telejornal. A partir do enunciado – "Seja carioca: o meu compromisso é..." – ao votante cabia selecionar uma entre seis opções apresentadas; uma delas relacionada à dengue: 1) cuidar da natureza; 2) seguir as leis de trânsito; 3) respeitar os outros; 4) manter a cidade limpa; 5) preservar o patrimônio; e 6) combater a dengue. Participaram da votação tanto os moradores comuns da cidade quanto artistas convidados pelo RJTV como o ator Otávio Augusto, Marcos Oliveira, o beiçola do programa global *A grande família*, o ator Davi Pinheiro e outros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

promover o próprio telejornal, exaltando as benesses e noticiando os resultados alcançados.

2.7.1. "Olimpianos" e "Ordinários": os sujeitos na cobertura da campanha.

A campanha "Todos juntos contra a dengue" foi lançada no RJTV na quinta-feira, 27 de março de 2008. Na data, o RJTV veiculou uma edição especial que marcou a entrada do telejornal na campanha por doação de sangue junto com autoridades de saúde, tendo por objetivo reduzir o número de mortes no estado e município. O *sloga*n da campanha – "Todos juntos contra a dengue" – passa a ser enunciado cotidianamente pelos apresentadores e repórteres do telejornal. O RJTV, inclusive, criou uma vinheta especial cujo texto é o *slogan*, sendo rodada algumas vezes durante as edições.

Além do apresentador no estúdio, nesta edição a apresentadora Renata Capucci ancorou o telejornal direto da Central Globo de Produção, o Projac. Os enunciadores marcaram que a "fábrica de novelas, de shows, de talentos" é o "maior núcleo televisivo da América Latina", com "1,6 milhão de metros quadrados". Eles comunicaram também que o Projac se situa em Jacarepaguá, bairro que concentra o maior número de casos de dengue no município do Rio de Janeiro. Eis um dos textos destacados no *site* do RJTV na edição do dia:

> Deste lugar cheio de estúdios, cidades cenográficas e efeitos especiais, começamos a campanha por doação de sangue, com a companhia de artistas e moradores do Rio que estão engajados nessa guerra contra o mosquito.

É a partir deste cenário, situado no entre-lugar caracterizado pela junção da Central Globo de Jornalismo com a Central Globo de Produção, que o RJTV dá início à campanha por doação de sangue. Na edição, os enunciadores apresentaram um dos ônibus de coleta do Hemorio, por eles denominado "nosso parceiro nessa campanha". No RJTV especial, os depoimentos de funcionários do Projac, autoridades públicas e artistas globais reforçaram os sentidos pretendidos pelo telejornal com a campanha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> É importante para todos nos unirmos. Ajudar dessa forma, ao doar o sangue **(funcionário)**.
>
> É fundamental que a população se mobilize também, como está fazendo, para combater o mosquito, se mobilize também doando sangue **(Sérgio Côrtes – Secretário Estadual de Saúde)**.
>
> Acho que se todo mundo fizer a sua parte. É rapidinho, não dói. Acho que você vai ajudar muita gente, milhares de pessoas. Vários postos, vários lugares que fazem a sua parte. Muita gente vai ser beneficiada com isso **(André Marques – Ator)**.
>
> Eu tive dengue com quatro anos. Não lembro muito bem, mas fico morrendo de medo de ter de novo, ainda mais com essa epidemia. Para me prevenir, eu, que moro em casa, procuro não deixar água parada em vasos de plantas, tampo minha caixa d´água. Procuro estar sempre atenta, não só agora, por causa do surto, mas constantemente **(Carol Castro – Atriz)**.
>
> Também a situação da dengue que necessita, nós temos ainda as grandes emergências, os doentes crônicos, os doentes com câncer, com doenças importantes que necessitam de plaquetas, de sangue e plasma. Tudo isso, nesse momento, serve para unir todo mundo em torno de uma doação constante **(Jacob Kligerman - Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro).**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Na cobertura da campanha, artistas e personalidades famosas tais como músicos, esportistas e atores, muitos deles da própria Rede Globo, tiveram destaque especial. A essas pessoas famosas, que ocupam a centralidade do conteúdo da mídia, Morin (1977) denomina "os olimpianos". De acordo com Araújo (2006), o termo é uma referência aos Deuses do Olimpo da mitologia grega, cujas características principais são a onipresença e a distinção em relação ao homem "comum" ou "homem ordinário" (Certeau, 1994). A primeira característica do olimpiano é a aparição freqüente nos meios de comunicação. "Ele está em todo lugar: em todos os canais, em todos os tipos de programas. Sua onipresença é reafirmada nos jornais, nas revistas de fofocas, em fotografias, livros biografias" (Araújo, 2006, p.50).

O olimpiano é também um ser especial, possui traços que o distinguem dos demais mortais. A partir da interpretação de Araújo, a marca distintiva que o coloca em outro lugar pode ser originária da beleza física, de um grande feito esportivo, de uma ação heróica ou mesmo de um grande carisma, de uma empatia junto ao público. Além disso, o olimpiano se torna um modelo, um exemplo a ser seguido e um objeto de identificação. Segundo Morin,

> Um olimpo de vedetes domina a cultura de massa, mas se comunica, pela cultura de massa, com a humanidade corrente. Os olimpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação (Morin, 1977, p.107).

Um dos "olimpianos" destacados no RJTV, na edição de 08 de abril de 2008, foi a atriz da Rede Globo, Isabel Fillardis. A atriz foi entrevistada, ao vivo, pela repórter Mariana Gross. Eis a transcrição dos enunciados.

> **Repórter Mariana Gross –** Como mostramos no início do RJ, hoje temos uma convidada especial, é a atriz Isabel Fillardis, que não pode doar sangue porque tem tireoidite, toma remédios, mas ela está sempre participando das campanhas e hoje não podia ser diferente. Veio mandar uma mensagem especial, não é isso Isabel?

> **Atriz Isabel Fillardis –** Perfeitamente! Eu acredito na união, na paz e no amor. Eu acho que nada mais digno, nada melhor pra você fazer do que você doar aquilo que você tem de melhor. E acho que as pessoas estão contribuindo, espero que contribuam mais. Mas que não esqueçam de prevenir. Não esqueçam das prevenções que a gente tem que tomar, nos cuidados que a gente tem que ter em casa ou no ambiente de trabalho, onde quer que esteja.

Por um lado, o texto acima evidencia o tratamento específico dado à entrevistada. Por ser uma "convidada especial", a atriz também enuncia uma "mensagem especial", como salienta a repórter. A entrevista é realizada no pátio do Instituto de Pesos e Medidas, o Ipem, que fica no bairro Piedade. Durante a entrevista, em primeiro plano visualiza-se a repórter (à esquerda) e a entrevistada (à direita). No canto direito inferior da tela, a logomarca da emissora com o texto "ao vivo" destaca a modalidade da transmissão. Ambas estão em destaque na imagem. No segundo plano visualiza-se um conjunto de pessoas, sentadas em cadeiras, na espera para doar sangue. À medida que a entrevistada responde à questão da repórter, o cinegrafista lentamente enquadra mais de perto o rosto da personagem entrevistada. Ao tratamento de conjunto dado ao grupo de pessoas do segundo plano da imagem, por meio do qual não se consegue visualizar bem o rosto de nenhuma delas, contrapõe-se o enquadramento privilegiado conferido à entrevistada. É ela o objeto preferencial da narrativa televisiva, sujeito principal da cena..

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Ao mesmo tempo em que a narrativa constrói uma personagem especial, também destaca a humanidade da entrevistada, o que evidencia a "dupla natureza", "divina e humana" do olimpiano (Morin, 1977), tal como narrado na mídia. O texto revela que a personagem também é acometida por doenças (tireoidite) e usa medicamentos como todo ser humano; e, por este motivo, não pode doar sangue. Escreve Morin.

> Os novos olimpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza do herói-deus da religião cristã: olimpianas e olimpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo em que investe os olimpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação (Morin, 1977, p.106-107).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Durante o período temporal em que enuncia, a entrevistada direciona o olhar à repórter e também olha diretamente para a câmera. Em especial, a partir da última frase do enunciado, por meio da qual a personagem expressa a importância da prevenção em casa ou no ambiente de trabalho, ela passa a olhar mais diretamente para a câmera. Neste sentido, se torna mais evidente o caráter de aconselhamento do qual se reveste a narrativa, uma vez que a entrevistada diz "diretamente" ao telespectador do RJTV. Aqui, o dispositivo televisivo é destacado, uma vez que é por meio dele que a atriz aconselha as pessoas. Ainda que não possa doar sangue, a personagem doa conselhos.

Esta questão nos remete à problemática que diz respeito à oposição entre "quem fala olhando para a câmera e quem fala sem olhar para a câmera", da qual nos fala Umberto Eco (1984). Segundo o autor, habitualmente na TV quem fala olhando para a câmera representa a si próprio (locutor, o cômico que recita um monólogo), enquanto quem fala sem olhar para a câmera representa um outro (o ator que interpreta uma personagem fictícia). Para Eco, apesar de a oposição ser grosseira, porque pode haver soluções de direção graças às quais o ator de um drama olhe para a câmera e um debate político e cultural cujos participantes falem sem direcionar o olhar para ela, ela é útil. Escreve Eco.

> Contudo parece-nos que a oposição seja válida sob este ponto de vista: os que não olham para a telecâmera estão fazendo algo que se considera (ou se finge considerar) que aconteceria mesmo que a televisão não existisse, enquanto, no caso contrário, quem olha para a telecâmera estaria sublinhando o fato de que a tevê existe e que seu discurso "acontece" justamente porque a televisão existe (Eco, 1984, p.186).

Apesar de ser atriz, uma "olimpiana", a cena também constrói o lado comum, o ordinário da entrevistada. Outro "olimpiano" narrado no RJTV foi o ator exclusivo da Rede Globo, Tony Ramos. Assim como no caso da atriz Isabel Fillardis, a ele também foi dado um tratamento especial na edição veiculada dia 02 de abril de 2008, a partir de uma inserção ao vivo da repórter Mariana Gross direto da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A participação do ator é evidenciada já na escalada do noticiário, em um *teaser* da repórter.

> **Teaser repórter Mariana Gross –** Os estudantes da Puc estão dando a sua colaboração e olha só quem está aqui. O ator Tony Ramos.

A presença do ator no RJTV é destacada algumas vezes durante a edição, como que em pílulas. Além do *teaser*, o ator aparece novamente logo no início do noticiário, apenas por meio de imagens, ainda sem se pronunciar sobre a importância de se doar sangue, o que de fato só ocorrerá ao fim da edição. Nestes dois momentos iniciais ele é apenas objeto de narração dos apresentadores e repórteres do telejornal. É como se a narrativa telejornalística promovesse uma espécie de "adiamento do prazer" (Costa, 2000), como acontece nas narrativas ficcionais. Nesta linha de raciocínio, o telejornal constrói uma expectativa já introjetada e organizada no imaginário do telespectador que, "vendo a ação interrompida, adia a satisfação de sua expectativa" (Costa, 2000, p.62), de seu contato televisual, de "fato", com o "olimpiano".

A partir da reprodução dos fragmentos textuais narrados pelos apresentadores e pela repórter Mariana Gross, é possível perceber este segundo momento em que o olimpiano é narrado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Apresentador Márcio Gomes – E nós acompanhamos mais uma parada do ônibus que funciona como um posto de doação volante, que está rodando a cidade. Por isso nós vamos ao vivo do RJ-Móvel onde está a repórter Mariana Gross. Boa tarde, Mariana!

Repórter Mariana Gross – Boa tarde, Márcio! Boa tarde, Renata! Hoje o ônibus do Hemorio está aqui na Puc, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Gávea, e o que se vê é mais uma demonstração de solidariedade. O movimento aqui é bem grande. As 100 senhas já acabaram, não adianta mais vir até aqui. A gente lembra que as pessoas que querem doar sangue podem procurar um dos 26 postos de coleta espalhados pelo Rio. Os endereços você encontra no nosso site, que agora mudou. Anote aí: é www.g1.com.br/rjtv. Você pode ligar também para o disque-dengue, no telefone 0800-2820708. Bom, a gente vê essa mobilização grande aqui e é assim desde o início da campanha da Rede Globo em parceria com autoridades de saúde. O número de doadores atingiu uma marca nunca alcançada na história. Passou dos 3.000 em 7 dias. A procura aumentou 190% em relação ao mesmo período do ano passado. Mas essa participação não pode parar por aqui não. A gente sabe que para cada paciente com dengue são necessários sete doadores. Então, vamos participar. Daqui a pouco a gente volta com mais notícias aqui do ônibus do Hemorio, na Puc e também pra mostrar um convidado especial, o ator Tony Ramos, que veio doar sangue.

Apresentador Márcio Gomes – Muito obrigado, Mariana. Presença ilustre no nosso RJ.

A narrativa em destaque é representativa da cobertura da campanha no RJTV. Parcela significativa das narrativas se dá ao vivo, com a participação do repórter na arena dos acontecimentos, nos espaços da cidade em que se desenrolam os fatos comunicados. Seja por meio das notas dos locutores, seja via textos dos repórteres, as narrativas sempre informam o sucesso da campanha. Fornecem dados que destacam o crescimento do número de doadores, marcam que as senhas naquele local de doação já se esgotaram, buscam promover a emissora Rede Globo e o próprio telejornal, oferecem serviços para a população e mostram os "olimpianos" especialmente convidados a participar da campanha.

Como está evidenciado no texto da repórter, o contato do telespectador com o "olimpiano" é mais uma vez adiado. No decorrer da edição o RJTV "prepara" o telespectador para o contato que será estabelecido com o olimpiano narrado. O telejornal é a ponte, a mediação responsável por estabelecer o contato entre ambos, relação que narrativamente é estabelecida aos poucos, de maneira ritualizada. O "encontro" do telespectador com o olimpiano só se efetiva ao fim da edição, conforme o texto abaixo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Repórter Mariana Gross – "(...) Agora nós estamos ao vivo aqui dentro da sala de coleta do ônibus do Hemorio, que está aqui na Puc, na Gávea, deste as 9 horas da manhã até as 3 horas da tarde. A gente já mostrou no início dessa edição, o ator Tony Ramos, uma presença ilustre, veio fazer a parte dele.

Ator Tony Ramos - Eu acho que a mensagem de todos nós que amamos essa cidade, não é? E que se preocupa com essa cidade. Cada um fazer um pouquinho que seja, fazer a sua parte. Eu to aqui, eu sempre acreditei muito nesse grande povo brasileiro e acho que vivemos um momento de tamanha gravidade. É importante todos nós estarmos atentos a isso, atentos a essa campanha, atentos a cada endereço, a cada local. E quem puder, doe. Estamos doando pouco para muita gente.

Repórter Mariana Gross – O Tony, eu conversei com ele antes e ele disse que na casa dele ele faz a parte dele, é claro né?

Ator Tony Ramos – Sem dúvida (risos). Todos nós temos que fazer a nossa parte, as coisas mais elementares, não é? Eu já vi nos telejornais nossos, todos dizendo e alertando (...). Você deixar uma vasilha não com a boca pra cima e sim, pra baixo. E doar sangue, realmente, acredite, muitos ficam impressionados, mas é um movimento muito simples e que, enfim vai ajudar muita gente.

Enfim, as imagens mostram o personagem na sala de coleta do ônibus do Hemorio, sentado e preparado para doar sangue, para oferecer sua parcela de contribuição e falar aos telespectadores do RJTV. O primeiro enunciado de Tony Ramos traz o elemento "cidade" à cena. O texto vincula a importância de se doar sangue ao sentimento de amor e preocupação com a cidade do Rio de Janeiro e faz menção ao "grande povo brasileiro", supostamente caloroso e solidário, representações recorrentes no imaginário historicamente construído sobre o Brasil. O tom de aconselhamento também se revela no enunciado, destacando-se operações simples do dia-a-dia, do cotidiano, que podem ser feitas por cada um, como não deixar recipientes de boca para cima, de forma a acumular água e favorecer a proliferação do mosquito transmissor.

A narrativa também estimula o telespectador a doar sangue, a fazer a parte dele: "é um movimento muito simples", ressalta o ator, e que pode ajudar a muitas pessoas. E assim como o RJTV procede no caso da atriz Isabel Fillardis, neste caso as narrativas destacam a "dupla natureza" do olimpiano (Morin, 1977): o personagem é especial, ilustre, mas ao mesmo tempo um indivíduo comum, que em sua cotidianidade realiza os procedimentos que o indivíduo comum deveria

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

realizar. O que também confere aos "olimpianos" o estatuto de modelos, exemplos a serem seguidos, como ressalta Morin.

> Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título, os olimpianos são os condensadores energéticos da cultura de massa. Sua segunda natureza, por meio da qual cada um se pode comunicar com sua natureza divina, fá-los participar também da vida de cada um. Conjugando a vida quotidiana e a vida olimpiana, os olimpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida (Morin, 1977, p.107).

Se por um lado a cobertura dada à campanha no RJTV confere destaque especial ao "olimpiano", ela também destaca os bons exemplos do sujeito comum, do indivíduo "ordinário" nos termos de Certeau (1994). Uma reportagem de Mariana Gross que foi ao ar no dia 08 de abril de 2008 é significativa neste sentido. Abaixo, a reprodução integral do texto.

> **Off repórter Mariana Gross –** A campanha já está na terceira semana e o movimento solidário continua forte. Este grupo de moradores chegou bem cedo para garantir a senha e doar sangue. O ônibus do Hemorio parou no pátio do Ipem, Instituto de Pesos e Medidas. Muitos funcionários aproveitaram a oportunidade para participar. Paulo Guilherme é um deles.
>
> **Sonora Paulo Guilherme (sem identificação de cargo) –** Como doador já do Hemorio desde 2001, eu vim prestar solidariedade.
>
> **Repórter Mariana Gross –** Hoje mais perto?
>
> **Sonora Paulo Guilherme –** Graças à Deus!
>
> **Off repórter Mariana Gross –** Vânia Mora no bairro. Se programou com antecedência. Pediu uma folga no trabalho para ajudar pacientes com dengue. sabe bem da importância da doação, porque só no último mês a filha dela teve a doença duas vezes.
>
> **Repórter Mariana Gross –** Você acompanhou então e viu a situação das outras crianças nos hospitais, nos postos, precisando.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Sonora dona de casa Vânia Mello Caldas – Muita, muita criança inclusive no corredor. Crianças que não tinham nem mais onde deitar. Duas crianças em uma cama em um hospital.

Off repórter Mariana Gross – Alexandre Ribeiro, desempregado, aproveitou o tempo livre para doar sangue pela primeira vez.

Sonora desempregado Alexandre Ribeiro – Eu acho que todo mundo deveria fazer, né? Porque do jeito que tá a coisa aqui no Rio de Janeiro, aliás, em todo lugar, né? E essa epidemia, tá brabo.

O enquadramento consensual é notório na narrativa. A visada da reportagem é mostrar bons exemplos de cidadãos comuns, unidos e mobilizados por uma causa única. A narrativa se inicia tendo por destaque o grupo de moradores de Piedade, que compareceu para doar sangue naquela manhã. Nas imagens, as pessoas aparecem sentadas em um banco, à espera do momento de doar. Na seqüência, a narrativa apresenta três entrevistados, personagens do cotidiano que habitam a cidade. Se como observa Motta (2007), "por força de sua intervenção na história, as personagens podem ser identificadas como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, doadores, ajudantes, etc", todos aqueles que a narrativa constrói são protagonistas, heróis, doadores e ajudantes comuns, sem características especiais. Em determinado sentido, são também exemplos a serem seguidos, apesar de não possuírem o potencial de identificação de um "olimpiano".

A partir dos breves perfis narrados pela repórter, é possível constatar que uma dass estratégias usadas por ela é tentar comunicar ao telespectador experiências distintas de vida, ainda que unidas por uma causa momentânea comum. O primeiro entrevistado, Paulo Guilherme, funcionário do Hemorio, é caracterizado como um doador freqüente. Aquela é mais uma de suas doações, que acontecem há sete anos. A experiência narrada sobre a segunda personagem é vinculada ao fato de ela ser mãe e a filha ter contraído a doença por duas vezes. Sob certo ponto de vista, a doença da filha e o fato dela ter presenciado a dificuldade pela qual outras crianças passaram nos hospitais e postos de saúde, a impulsionaram a tomar a iniciativa e a fazer a parte dela. O terceiro e último personagem é aquele que doou sangue pela primeira vez.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Na cobertura da campanha, além dos destaques ao "olimpiano" e ao homem comum, habitantes da cidade, o RJTV destaca, sobretudo, a si mesmo. Ao narrar a cidade, seus sujeitos e espaços e ao noticiar o andamento da campanha por doação de sangue promovida pela Rede Globo, o telejornal busca sempre falar da emissora e de si mesmo. Trata-se de um representar a sim mesmo, como o principal articulador e agente da campanha.

2.7.2. O RJTV como principal sujeito da campanha.

O falar de si é algo mais abrangente do que o próprio RJTV, uma vez que diz da cultura do telejornalismo, em geral, e do processo de desenvolvimento e modernização da TV no Brasil e no mundo. Trata-se de uma das qualificações da neotevê identificadas por Umberto Eco (1984) no texto que inaugura esta problemática. Segundo o autor, a principal característica da Neotevê é que ela fala (conforme a Paleotevê fazia ou fingia fazer) sempre menos do mundo exterior e mais de si mesma e do contato que estabelece com seu público. Escreve o autor.

> Não interessa o que diga ou sobre o que ela fale (também porque o público, com o controle remoto, decide quando deixa-la falar e quando mudar de canal). Ela, para sobreviver a esse poder de comutação, procura entreter o espectador dizendo-lhe: *eu estou aqui, eu sou eu e eu sou você*. A notícia máxima que a Neotevê é capaz de dar, esteja ela falando dos mísseis ou do Magro, que deixa cair um armário, é a seguinte: *Eu estou anunciando para você, maravilha das maravilhas, que você está me vendo; se você não acreditar, experimente, faça um chamado, dique este número e eu lhe responderei* (Eco, 1984, p. 182-183). (Grifo do autor).

A estrutura de cobertura montada pelo RJTV para noticiar a campanha teve a busca da promoção da emissora e do próprio jornal como uma de suas principais características. "Os noticiários, no entanto, muitas vezes imitam os comerciais quando fazem publicidade de si próprios, de suas equipes e das edições especiais que ainda serão apresentadas", observa Becker (2004, p.80). A quase totalidade das narrativas sobre a campanha destaca os benefícios promovidos por ela à cidade e aos cidadãos do Rio de Janeiro. Uma composição de narrativas veiculada em 31 de março de 2008, primeiro dia de nosso *corpus*, é significativa neste sentido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Na data, o "ônibus da solidariedade" esteve no campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, em busca de doadores de sangue. Além da participação ao vivo do repórter na arena dos acontecimentos, uma característica comum na cobertura da campanha é um enunciado anterior, em geral, de caráter negativo. Neste caso, a reportagem que antecedeu a abordagem da campanha no telejornal noticiou a dificuldade de atendimento nos postos e hospitais públicos do Rio de Janeiro, com longas filas de espera e ausência de atendimento médico compatível com a demanda. Após uma *nota pé* do apresentador Márcio Gomes pontuando alguns aspectos da matéria, a apresentadora Renata Capucci enuncia.

> **Apresentadora Renata Capucci –** Bom, em meio a todo esse drama, uma boa notícia. A campanha "Todos juntos contra a dengue", da Rede Globo junto com as autoridades de saúde pra aumentar a coleta de sangue do Hemorio já é um sucesso. O ônibus da solidariedade está hoje na Uerj, no Maracanã, e é pra lá que nós vamos agora, ao vivo, com o RJ Móvel.
>
> **Roda vinheta RJ-Móvel**
>
> **Apresentadora Renata Capucci –** Vamos falar com o repórter Vandrei Pereira. Vandrei, boa tarde!

O enunciado de Capucci é referenciado na reportagem anterior; esta é o gancho para que o RJTV noticie os benefícios da campanha promovida pela Rede Globo. Sob determinado ponto de vista, a matéria que diz dos dramas cotidianos daqueles que procuraram atendimento legitima a campanha de doação de sangue promovida pela emissora, que é uma das empresas parceiras do Ministério da Saúde. Neste sentido, a noção de "jogos de linguagem" de que nos fala Ludwig Wittgenstein, é significativa para compreendermos a relação que aí se estabelece. No livro "A pragmática na filosofia contemporânea", Danilo Marcondes (2005) observa que esta noção visa estipular que as expressões lingüísticas são sempre utilizadas em um contexto interativo entre falante e ouvinte, que as empregam com um objetivo determinado. Segundo o autor,

> Analisar o significado das palavras consiste em situá-las nos jogos em que são empregadas e em perguntarmos o que os participantes nos jogos fazem com elas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> Ou seja, consiste em mapearmos as regras segundo as quais jogam e realizam lances válidos nesses jogos (Marcondes, 2005, p.15).

Na condição de "lugar de referência" de que nos falam Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008), é como se o RJTV enunciasse ao telespectador que em meio ao caos epidêmico que acomete o estado e município do Rio de Janeiro e diante da crise das instituições públicas, ali está o telejornal a realizar seu papel social. Nele o telespectador pode confiar, basta olhar o número de doadores de sangue que cresce em função da campanha.

Na continuidade da narrativa, o repórter Vandrei Pereira realiza uma entrada ao vivo. No primeiro momento, contextualiza o local de onde fala e relata o grande movimento de doadores de sangue desde as primeiras horas daquela manhã. As informações que se seguem continuam a reforçar o "sucesso" da campanha enunciado, no estúdio, pela apresentadora. Enuncia o repórter.

> **Repórter Vandrei Pereira -** Desde o início dessa campanha, lá na sede do Hemorio, o número de doadores já cresceu 270% se comparado ao mesmo período do ano passado, o que é considerado um record. Mais de duas mil pessoas passaram no Hemorio para doar sangue só nos primeiros três dias dessa campanha (...).

O enunciado de Vandrei Pereira nos diz de uma relação causal entre a campanha por doação de sangue promovida pela Rede Globo e o aumento do número de doadores. No trecho selecionado, a emissora e o telejornal estão representados como os principais sujeitos da campanha. Apesar da importância dos meios de comunicação para que as instituições governamentais transformem questões de interesse social em pauta da agenda pública, conforme salientado por Pitta & Oliveira (citados por França et al, 2004, p.1335), apenas uma pesquisa poderia confirmar se, de fato, é por causa da campanha encabeçada pela TV Globo que o número de doadores de sangue aumentou tanto, se comparado ao ano anterior.

Importante observar que não se trata de desqualificar a campanha promovida pela empresa e telejornal, mas de apontar a relação de causalidade que os enunciadores (apresentador e repórter) estabelecem no trecho selecionado e em outros momentos da cobertura. O que o enunciado opera é uma redução da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

multicausalidade que pode existir no aumento do número de doadores a uma relação de causa única. Neste sentido, toda a complexidade inerente ao processo é reduzida a uma causa, à campanha da emissora, sem uma pesquisa ou algo que fundamente tal enunciado.

Se nos referenciarmos nas teorias da comunicação a fim de compreendermos o enunciado, constataremos que ele diz de concepções teóricas mais tradicionais da comunicação, que estiveram em voga em meados do século XX, mas que ainda hoje habitam o imaginário populacional e até mesmo dos comunicadores, permeando processos e produtos comunicativos. Trata-se, essencialmente, de teorias de recorte funcionalista, cujos modelos teóricos são fundamentados em relações dicotômicas entre meios de comunicação e sociedade, privilegiando a funcionalidade dos meios. Do ponto de vista destas teorias fundadoras, "os meios de comunicação têm sido sempre vistos como meios para algum fim", observa Mauro Wilton de Souza (2001, p.23).

No artigo "Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação", Vera França (2006) analisa algumas perspectivas teóricas de recorte funcional, o que nos leva a delinear concepções acerca dos indivíduos (emissores e receptores). Uma primeira abordagem dos partícipes nos processos comunicativos é encontrada nas teorias clássicas da comunicação ou em teorias herdeiras do paradigma informacional, e diz respeito à intervenção funcional dos indivíduos nos processos. As teorias clássicas são os primeiros estudos da comunicação desenvolvidos nos EUA (a escola funcionalista, ou *mass communication research*), na primeira metade do século XX e marcados por uma concepção transmissiva da comunicação ou "condutista", termo usado por Martín-Barbero (2002). De acordo com sua posição no processo, os indivíduos são concebidos como emissores (função de emitir, produzir, codificar) ou receptores (função de receber, decodificar, consumir). "A famosa fórmula de Lasswell ("quem diz o quê, a quem...") dividiu os elementos do processo comunicativo em áreas de estudo específicas e autônomas: dentro deste esquema, emissor e receptor foram vistos e tratados separadamente" (França, 2006, p.62)[48].

[48] Em tom de crítica à concepção condutista da comunicação, Martín-Barbero parte do princípio de que a recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de outro lugar, o de rever todo o processo de comunicação. Neste sentido, o autor propõe uma pesquisa de recepção que leve

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

Vera França observa que nesta tradição, emissor é aquele que emite. Situado na instância de produção, em princípio este sujeito detêm a iniciativa e o controle das decisões no que se refere à emissão: o que falar, quando, como, a quem, definições referentes aos seus objetivos e finalidades. Os estudos acerca do emissor são numerosos, sobretudo no início das pesquisas (EUA), orientados por uma preocupação em tornar eficaz os processos comunicativos. Estes trabalhos versam, basicamente, sobre as características do processo produtivo e podem ser agrupados em algumas tendências: econômica (natureza econômico-mercantil da produção); política (relações de poder, ideologia); técnica (infra-estrutura, domínio dos dispositivos); organizacional (organização da produção, procedimentos, intervenções individuais) (França, 2006, p.62-63).

Na perspectiva da cultura de massa, as análises do pólo emissor se referem às características da produção industrial da cultura, ao novo coletivismo e divisão do trabalho, ao papel do autor/criador. Nas abordagens marxistas, França destaca que o papel da ideologia e o aspecto da mercantilização da produção foram as temáticas mais enfatizadas. Mais recentemente, a perspectiva conhecida como *newsmaking*[49] busca desenvolver uma leitura do nicho cultural dos produtores, bem como dos condicionamentos das rotinas de produção das notícias. Apesar de voltada especificamente para os estudos de jornalismo, a teoria tem uma repercussão mais ampla e ajuda a derrubar o mito da imparcialidade profissional, apontando para aspectos internos ligados à "natureza" do trabalho jornalístico, ao âmbito das relações profissionais, bem como às representações e imagens da profissão. Segundo Vera França,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

à explosão o modelo mecânico, que permanece hegemônico nos estudos de comunicação, apesar da era eletrônica. "Entendo modelo mecânico como sendo aquele em que não há verdadeiros atores nem verdadeiros intercâmbios. É o modelo em que comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um pólo a outro. Nele, a recepção é um ponto de chegada daquilo que já está concluído. Ele leva a uma confusão epistemológica muito grave. Estaríamos confundindo, permanentemente, a significação da mensagem com o sentido do processo e o das práticas de comunicação, como também reduzindo o sentido destas práticas na vida das pessoas ao significado que veicula a mensagem. Seria entender todo o processo com base nesse significado, no qual se encontram as intenções do emissor e suas expectativas quanto ao receptor que o espera. Essa concepção confunde o sentido dos processos de comunicação na vida das pessoas com o significado dos textos, das mensagens, ou mesmo da linguagem dos meios" (Martín-Barbero, 2002, p.41).

[49] Sobre o *newsmaking*, ver Wolf (1995).

> Estas diferentes abordagens destacam a centralidade e o papel determinante dos emissores no processo comunicativo, quando não um papel dominador frente a um receptor indefeso. Mas é importante lembrar que o tratamento do emissor oscila desde uma autonomia absoluta (quase onipotência) até um quase servilismo à instância de recepção (aos desejos e demandas da esfera do consumo) (França, 2006, p.63).

A instância da recepção também constitui objeto de análise desde o início das pesquisas em comunicação, notadamente daquelas voltadas para os estudos dos efeitos. Na maior parte dos casos, como nos mostram diversos autores (Wolf, 1995) (França, 2006) (Souza, 2001) (Araújo, 2003), ao receptor é reservado um lugar de passividade. Nos primeiros estudos (*teoria das balas mágicas* ou *teoria hipodérmica*), os receptores eram tomados como presas fáceis, reagindo mecânica e homogeneamente às mensagens da mídia. Nestas concepções teóricas, "os meios são vistos como onipotentes, causa única e suficiente dos efeitos verificados. Os indivíduos são vistos como seres indiferenciados e totalmente passivos, expostos ao estímulo vindo dos meios" (Araújo, 2003, p.126)[50].

Na seqüência da narrativa em análise, em parte o depoimento da representante do Hemorio (abaixo) parece confirmar o caráter instrumental dos meios de comunicação tal como o percebemos neste trecho. Ao emissor (RJTV) nos parece estar reservado o papel de principal sujeito no processo comunicativo, o portador da mensagem edificante; ao receptor (telespectador) cabe responder positivamente ao estímulo do emissor, doando sangue e ajudando a promover a emissora e o próprio telejornal. Por este raciocínio, ao ser questionada, ao vivo, pelo repórter Vandrei Pereira (que observa que a corrente por de doação não pode parar), a representante do Hemorio, Simone Silveira, responde.

[50] Vera França (2006) observa que o avanço das pesquisas em comunicação apontou a existência de diferenças individuais: os indivíduos são dotados de estruturas psicológicas complexas e que, portanto, agem diferentemente aos "estímulos" da mídia. A partir de estudo da década de 1940, por exemplo, P. Lazarsfeld elaborou o conceito de "fluxo em duas etapas" para indicar a presença de lideres de opinião que atravessavam e filtravam a influencia dos meios. Esta fase, conhecida como "efeitos limitados", aponta um receptor menos frágil às mensagens dos meios de comunicação. Abordagens mais recentes como a hipótese da agenda-setting, em diálogo com as teorias da construção social da realidade, "desfazem a idéia dos determinismos rígidos e cadeias causais delimitadas, indicando a atuação da mídia no estabelecimento da pauta e na criação do entorno cognitivo. O receptor, no entanto, continua agendado pela mídia, falando sobre o que ela propõe e pensando através das molduras por ela construídas" (França, 2006, p.64). Estudos de recepção mais recentes, buscam a inserção dos sujeitos em redes sociais e identificam um sujeito que resiste, dribla os propósitos do emissor, negocia e promove usos particulares e diferenciados dos produtos consumidos. Para outras abordagens acerca dos sujeitos, ver França (2006).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA

> **Simone Pereira (Hemorio) -** A gente já teve um aumento. Positivamente a população respondeu a essa campanha, mas sempre a gente precisa que o doador compareça, lembre de voltar daqui a três meses, porque a necessidade continua sempre.

Se por um lado a entrevistada introduz um elemento novo na narrativa, ao enunciar que a doação de sangue é importante em qualquer período do ano, por outro, o depoimento nos parece reforçar o esquema tradicional da comunicação, baseado no circuito *Emissor – Canal – Receptor*, destacando-se especialmente o poder dos meios sobre os receptores. Escreve Martín-Barbero sobre esta concepção tradicional da comunicação.

> Evidentemente, ela está sustentada em uma epistemologia condutista, segundo a qual a iniciativa da atividade comunicativa está toda colocada no lado do emissor, enquanto do lado do receptor a única possibilidade seria a de reagir aos estímulos que lhe envia o emissor. Essa concepção epistemológica condutista realmente faz da recepção unicamente um lugar de chegada e nunca de partida, isto é, também de produção de sentido – o sentido que estava abolido pela significação apenas transmitida ou pelos estímulos que ela comportava. A concepção condutista, ocultando-se, estava perversamente confundida com outra epistemologia, a iluminista, segundo a qual o processo de educação, desde o século XIX, era concebido como um processo de transmissão do conhecimento para quem não conhece. O receptor era "tabua rasa", apenas um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados, ou produzidos, em outro lugar

No trecho recortado, portanto, o RJTV nos é apresentado como o agente da campanha, o sujeito protagonista. Neste sentido, a despeito de seu contexto social de espaço público mediador de significados sociais e culturais em circulação (Mota, 2006), em determinados momentos da cobertura – especialmente da campanha – a principal voz que se enuncia e que se quer ouvida é a do próprio RJTV.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710821/CA